

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
FACULDADE DE LETRAS

Naara Bitencourt Ramalho

BELO TRADUTOR, ONDE VOCÊ ESTÁ:
uma análise tradutória das construções modalizadoras
epistêmicas asseverativas *I do [X]* e *I did [X]* na obra de
Sally Rooney

Juiz de Fora
2024

Naara Bitencourt Ramalho

BELO TRADUTOR, ONDE VOCÊ ESTÁ:

**uma análise tradutória das construções modalizadoras epistêmicas
asseverativas *I do [X]* e *I did [X]* na obra de Sally Rooney**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
Estrangeiras Modernas da Faculdade de
Letras da Universidade Federal de Juiz
de Fora como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Letras-
Tradução.

Orientador: Profa. Dra. Patrícia Fabiane
Amaral da Cunha Lacerda

Juiz de Fora

2024

**BELO TRADUTOR, ONDE VOCÊ ESTÁ:
uma análise tradutória das construções modalizadoras epistêmicas
asseverativas *I do [X]* e *I did [X]* na obra de Sally Rooney**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras
Estrangeiras Modernas da Faculdade de
Letras da Universidade Federal de Juiz
de Fora como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Letras-
Tradução.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Sobretudo, dou graças a Deus, pois, sem Ele, nada do que foi feito se fez.

Agradeço aos meus pais e melhores amigos, Renata e Daniel, pelo infinito amor e apoio. Espero retribuir, de alguma maneira, tudo aquilo que vocês depositaram em minha vida.

Em especial, agradeço a minha querida orientadora, Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, pelo carinho, pela dedicação e por todo o conhecimento compartilhado comigo em cada encontro, seja ele de natureza linguística ou extralinguística. Sem sua preciosa orientação e confiança, este trabalho não seria possível. Obrigada!

Agradeço a todos os professores do Bacharelado que contribuíram de maneira significativa em minha formação. Especialmente, à Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi e à Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida pela presença em minha banca examinadora e por todo conhecimento partilhado durante a graduação.

Agradeço aos meus amigos do Bacharelado em Tradução por cada conversa literária, carona até o centro, almoço duvidoso, e por todos os momentos que compartilhamos nos prédios da Faculdade de Letras. Vocês tornaram a caminhada mais leve!

Gostaria de dedicar estas linhas ao meu querido amigo Luan, com quem, infelizmente, nunca mais poderei ter uma conversa sincera e trocar um abraço num intervalo entre uma aula e outra. Obrigada por sempre ter uma palavra amiga para mim, por cada filme que vimos no cinema, por me ligar nos momentos mais inesperados e necessários para saber dos últimos acontecimentos em minha vida. Obrigada por ser um grande amigo, *manito!* Sentirei sua falta para sempre.

De modo geral, agradeço a todos que estiveram ao meu lado durante esse percurso acadêmico!

,

*Therefore, whether you eat or drink,
or whatever you do, do all things for the glory
of God.*

1 Corinthians 10:31

RESUMO

Neste trabalho, dedicamo-nos à investigação da tradução para o português brasileiro das construções *I do [X]* e *I did [X]*, presentes na obra *Beautiful World, Where Are You* (2021), de Sally Rooney, especificamente quando os verbos auxiliares do inglês atuam como modalizadores epistêmicos asseverativos. Nesse caso, cotejamos as ocorrências originais em inglês com suas respectivas traduções em *Belo Mundo, Onde Você Está* (2021), edição brasileira traduzida por Débora Landsberg. Buscamos, nesse sentido, verificar em que medida as escolhas tradutórias contemplam os aspectos formais e funcionais das construções originais. De modo mais específico, este estudo assume os seguintes objetivos: i) analisar as traduções dos verbos auxiliares *do* e *did*, avaliando a manutenção dos aspectos formais e funcionais constatados no original; ii) verificar se a tradutora considerou a intersubjetividade do discurso durante a tradução das construções em que os modalizadores epistêmicos asseverativos aparecem; iii) evidenciar a importância da consciência por parte do tradutor de que a construção é a unidade básica da língua; iv) oferecer contribuições para os Estudos da Tradução ao destacar possíveis escolhas tradutórias para esses verbos auxiliares. A fim de cumprir os objetivos propostos, assumimos, como aporte teórico, os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Bybee, 2010; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) e os princípios da abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Além disso, valemo-nos da categorização de Neves (2000) para modalizadores do discurso e da classificação de Nascimento e Silva (2012) para os subtipos de modalização epistêmica. Do ponto de vista metodológico, este trabalho adota a metodologia mista, combinando aspectos qualitativos e quantitativos de análise elaborados por Furtado da Cunha e Bispo (2023). A partir da análise realizada, verificamos que, na maior parte das ocorrências, as escolhas tradutórias não captam integralmente as nuances discursivas e a intersubjetividade, não contemplando as especificidades formais e funcionais das construções originais.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Linguística Funcional Centrada no Uso. Abordagem construcional da mudança. Modalizadores epistêmicos asseverativos. Tradução das construções *I do [X]* e *I did [X]*.

ABSTRACT

In this paper, we investigate the translation into Brazilian Portuguese of the constructions *I do [X]* and *I did [X]*, present in Sally Rooney's work *Beautiful World, Where Are You* (2021), specifically when the English auxiliary verbs act as assertive epistemic modalizers. In this case, we compared the original occurrences in English with their respective translations in *Belo Mundo, Onde Você Está* (2021), a Brazilian edition translated by Débora Landsberg. We seek to verify the extent to which the translation choices take into account the formal and functional aspects of the original constructions. More specifically, this study has the following objectives: i) to analyze the translations of the auxiliary verbs *do* and *did*, evaluating the maintenance of the formal and functional aspects found in the original; ii) to check whether the translator considered the intersubjectivity of the discourse during the translation of the constructions in which the assertive epistemic modalizers appear; iii) to highlight the importance of the translator's awareness that the construction is the basic unit of the language; iv) to offer contributions to Translation Studies by highlighting possible translation choices for these auxiliary verbs. In order to fulfill the proposed objectives, we have taken as our theoretical support the assumptions of Usage-Based Functional Linguistics (Bybee, 2010; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) and the assumptions of the constructional approach to change, in the terms of Traugott and Trousdale (2013). In addition, we used Neves' (2000) categorization for discourse modalizers and Nascimento e Silva's (2012) classification for the subtypes of epistemic modalization. From a methodological point of view, this work adopts a mixed methodology, combining qualitative and quantitative aspects of analysis developed by Furtado da Cunha and Bispo (2023). Based on the analysis that was carried out, we verified that, in most cases, the translation choices do not fully capture the discursive nuances and intersubjectivity, not taking into account the formal and functional specificities of the original constructions.

Keywords: Translation Studies. Usage-Based Functional Linguistics. Constructional approach to change. Assertive epistemic modalizers. Translation of the constructions *I do [X]* and *I did [X]*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação da construção por Croft (2001)	30
Figura 1 - A construção <i>I do [X]</i> aplicada na ferramenta <i>Concordance</i>	55
Figura 2 - A construção <i>I did [X]</i> aplicada na ferramenta <i>Concordance</i>	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Representação da ocorrência 1 e de sua respectiva tradução para o português	57
Quadro 2 - Representação da ocorrência 2 e de sua respectiva tradução para o português	59
Quadro 3 - Representação da ocorrência 3 e de sua respectiva tradução para o português	60
Quadro 4 - Representação da ocorrência 4 e de sua respectiva tradução para o português	61
Quadro 5 - Representação da ocorrência 5 e de sua respectiva tradução para o português	62
Quadro 6 - Representação da ocorrência 6 e de sua respectiva tradução para o português	64
Quadro 7 - Representação da ocorrência 7 e de sua respectiva tradução para o português	65
Quadro 8 - Representação da ocorrência 8 e de sua respectiva tradução para o português	65
Quadro 9 - Representação da ocorrência 9 e de sua respectiva tradução para o português	66
Quadro 10 - Representação da ocorrência 10 e de sua respectiva tradução para o português	68
Quadro 11 - Representação da ocorrência 11 e de sua respectiva tradução para o português	69
Quadro 12 - Representação da ocorrência 12 e de sua respectiva tradução para o português	70
Quadro 13 - Representação da ocorrência 13 e de sua respectiva tradução para o português	70
Quadro 14 - Representação da ocorrência 14 e de sua respectiva tradução para o português	71
Quadro 15 - Representação da ocorrência 15 e de sua respectiva tradução para o português	72

Quadro 16 - Representação da ocorrência 16 e de sua respectiva tradução para o português	74
Quadro 17 - Representação da ocorrência 17 e de sua respectiva tradução para o português	75
Quadro 18 - Representação da ocorrência 18 e de sua respectiva tradução para o português	76
Quadro 19 - Representação da ocorrência 19 e de sua respectiva tradução para o português	77
Quadro 20 - Representação da ocorrência 20 e de sua respectiva tradução para o português	78
Quadro 21 - Representação da ocorrência 21 e de sua respectiva tradução para o português	79
Quadro 22 – Representação da ocorrência 22 e de sua respectiva tradução para o português	80
Quadro 23 - Representação da ocorrência 23 e de sua respectiva tradução para o português	81
Quadro 24 - Representação da ocorrência 24 e de sua respectiva tradução para o português	82
Quadro 25 - Representação da ocorrência 25 e de sua respectiva tradução para o português	83
Quadro 26 - Representação da ocorrência 26 e de sua respectiva tradução para o português	84
Quadro 27 - Representação da ocorrência 27 e de sua respectiva tradução para o português	85
Quadro 28 - Representação da ocorrência 28 e de sua respectiva tradução para o português	86
Quadro 29 - Representação da ocorrência 29 e de sua respectiva tradução para o português	87
Quadro 30 - Representação da ocorrência 30 e de sua respectiva tradução para o português	88
Quadro 31 - Representação da ocorrência 31 e de sua respectiva tradução para o português	89
Quadro 32 - Representação da ocorrência 32 e de sua respectiva tradução para o português	90

Quadro 33 - Representação da ocorrência 33 e de sua respectiva tradução para o português	91
Quadro 34 - Representação da ocorrência 34 e de sua respectiva tradução para o português	92
Quadro 35 - Representação da ocorrência 35 e de sua respectiva tradução para o português	94
Quadro 36 - Representação da ocorrência 36 e de sua respectiva tradução para o português	95
Quadro 37 - Representação da ocorrência 37 e de sua respectiva tradução para o português	96
Quadro 38 - Representação da ocorrência 38 e de sua respectiva tradução para o português	97
Quadro 39 - Representação da ocorrência 39 e de sua respectiva tradução para o português	98
Quadro 40 - Representação da ocorrência 40 e de sua respectiva tradução para o português	99
Quadro 41 - Representação da ocorrência 41 e de sua respectiva tradução para o português	100
Quadro 42 - Representação da ocorrência 42 e de sua respectiva tradução para o português	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipos de modalidade de acordo com Cunha Lacerda (2012).....	40
Tabela 2 - Subtipos de modalização epistêmica (Nascimento; Silva, 2012)	42
Tabela 3 - Frequência das manutenções e dos apagamentos acerca das construções <i>I do [X] e I did [X]</i>	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. CARACTERIZAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA.....	17
1.1 O autor	17
1.2 A obra: a publicação do original e sua respectiva tradução para a língua portuguesa	19
1.2.1 O <i>Bildungsroman</i> : romance de formação.....	20
1.2.2 Belo Mundo, Onde Você Está.....	23
1.3 Conclusões do capítulo	25
2. A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO TRATAMENTO DA LÍNGUA: UMA VISÃO GERAL.....	26
2.1. Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos fundamentais.....	26
2.2. A tradução e a abordagem construcional: uma relação possível e necessária	33
2.3. Conclusões do capítulo	35
3. MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA ASSEVERATIVA: UMA BREVE REVISÃO	36
3.1. Modalização e modalizadores: uma visão geral.....	36
3.2. Modalização epistêmica asseverativa	41
3.3. Os auxiliares <i>do</i> e <i>did</i> como índices de modalização epistêmica asseverativa	44
3.4. Conclusões do capítulo	46
4. ANÁLISE DE DADOS	47
4.1. A aplicação do método misto	47
4.1.1. Linguística de <i>Corpus</i> e suas contribuições	49
4.1.2. O <i>Antconc</i> e levantamento de dados	53
4.2. Procedimentos metodológicos	54
4.3. <i>Do</i> e <i>did</i> : modalizadores epistêmicos asseverativos em tradução	57
4.3.1. Construções com <i>I do [X]</i>	57
4.3.2. Construções com <i>I did [X]</i>	91
4.4. Conclusões do capítulo	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	105

INTRODUÇÃO

O indivíduo dispõe de variados recursos linguísticos para se comunicar, sejam eles de natureza gramatical, prosódica ou estilística, por exemplo. Tais escolhas comunicativas, realizadas a todo momento, são baseadas em motivações discursivo-pragmáticas que o levam a se expressar de determinada maneira. Essa ideia está intrinsecamente ligada à noção de que cada construção sintagmática proferida pelo falante é dotada de um significado particular, o qual pode ser avaliado por meio de graus de subjetividade, isto é, a expressão da perspectiva do locutor em seu discurso, a qual é sinalizada gramaticalmente. Portanto, é essencial que a língua, de maneira geral, seja analisada a partir do contexto linguístico e extralinguístico, já que o segundo influencia e molda diretamente a materialização do primeiro. Tendo isso em vista, também se torna essencial que, no contexto de tradução literária, tais elementos extralinguísticos sejam considerados no que tange ao discurso dos personagens de determinada obra para a língua-alvo, pois, além de termos acesso a sua personalidade e individualidade por meio do seu discurso, isso influencia diretamente a interpretação do leitor para com eles.

É nesse contexto que tomamos como *corpora* de análise a obra *Beautiful World, Where Are You* – escrita pela autora contemporânea irlandesa Sally Rooney em 2021, mesmo ano de sua publicação – e sua respectiva tradução para o português brasileiro intitulada *Belo Mundo, Onde Você Está* – traduzida por Débora Landsberg, também em 2021 –, a fim de analisar a tradução dos verbos auxiliares *do* e *did* quando desempenham função de modalizadores epistêmicos asseverativos no discurso direto dos personagens em sentenças declarativas afirmativas, verificando se os aspectos formais e funcionais presentes nas construções originais são considerados durante o processo tradutório. Levanta-se, nesse sentido, a hipótese de que, na maior parte das ocorrências, as escolhas tradutórias podem não captar integralmente as nuances discursivas e a subjetividade que estão associadas a esses verbos no inglês, resultando em possíveis apagamentos da intensidade e da assertividade das expressões modalizadas do original no texto traduzido.

Para o desenvolvimento da análise, baseamo-nos nos preceitos da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante LFCU – assumidos por Bybee (2010), Furtado

da Cunha *et al.* (2013), Rosário e Oliveira (2016), e Bispo e Silva (2016), a fim de investigar se a tradutora pautou, de alguma forma, suas escolhas tradutórias na concepção de pareamento forma-função presente nas construções em que os verbos auxiliares do inglês são aplicados. Em adição, visto que a função do discurso está intrinsecamente ligada a elementos extralinguísticos, consideramos também as noções de subjetividade e intersubjetividade do locutor manifestadas em uma interação discursiva a partir dos conceitos de Traugott (1995) e Traugott e Dasher (2005) –, as quais influenciam diretamente a inserção do falante em seu discurso e em sua modalização. Além disso, outros objetivos mais específicos são propostos neste trabalho: i) analisar a tradução dos verbos auxiliares *do* e *did* para a língua portuguesa, verificando cada uma das construções traduzidas e atestando se tais escolhas contemplam os aspectos formais e funcionais presentes no texto original; ii) verificar se, durante a tradução do discurso direto dos personagens em que os modalizadores epistêmicos asseverativos aparecem, a tradutora considera a intersubjetividade do discurso que é gramaticalmente materializada por meio dos auxiliares; iii) evidenciar a importância da consciência por parte do tradutor de que a construção é a unidade básica da língua; iv) oferecer contribuições para os Estudos da Tradução ao destacar as possíveis escolhas tradutórias para os verbos auxiliares *do* e *did* quando esses exercem a função de modalizadores epistêmicos asseverativos em construções declarativas afirmativas.

Visando a cumprir os objetivos propostos, assumimos, como aporte teórico, os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso (Bybee, 2010; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), correlacionando-a com os princípios basilares da Gramática de Construções, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Em adição, tomamos a categorização de Neves (2000) de modalizadores do discurso a partir do posicionamento discursivo do falante, além da classificação dos subtipos de modalização epistêmica de Nascimento (2012) para embasar o comportamento modalizador dos verbos auxiliares *do* e *did* nas ocorrências analisadas.

No que tange à metodologia, adotamos a concepção de Furtado da Cunha e Bispo (2023) acerca da abordagem analítica que consideramos ideal para esta pesquisa, a qual coaduna fatores qualitativos – de caráter descritivo e interpretativo, visando à análise das ocorrências coletadas por meio da observação – e fatores

quantitativos – de caráter mensurável e empírico, visando a quantificar a recorrência dos fatores linguísticos presentes nas ocorrências selecionadas para análise –, isto é, o método misto.

Desse modo, a fim de orientar a leitura e a compreensão desta pesquisa, organizamos o trabalho da seguinte forma: no Capítulo I, apresentamos a autora da obra em estudo, destacando sua relevância no polissistema literário, e discutimos o contexto de publicação do romance e de sua tradução, abordando as características dos protagonistas e as marcas narrativas da autora; no Capítulo II, discutimos os pressupostos fundamentais da abordagem construcional dentro da Linguística Funcional Centrada no Uso, destacando suas contribuições para os Estudos da Tradução; no Capítulo III, abordamos os conceitos de modalização, modalizadores e subjetividade no discurso e classificamos os verbos auxiliares do inglês *do* e *did* como modalizadores epistêmicos asseverativos, destacando seu caráter argumentativo em contextos declarativos afirmativos; no Capítulo IV, por fim, analisamos pontualmente as escolhas tradutórias para o português brasileiro das construções *I do [X]* e *I did [X]*, examinando se o pareamento forma-função foi considerado em cada uma delas. Nesse caso, quando os aspectos formais e funcionais não foram contemplados, propomos encaminhamentos de tradução a fim de suprir essa lacuna.

CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

O objetivo deste capítulo é introduzir a obra *Belo Mundo, Onde Você Está* (2021), da autora irlandesa Sally Rooney, abordando brevemente sua autoria e seu enredo. A partir disso, destacaremos os principais aspectos do romance que são relevantes para esta pesquisa, focando particularmente na subjetividade dos personagens e em sua maneira de dialogar, além de sua contextualização para a pesquisa do objeto deste trabalho.

Na primeira seção, a autora da obra será apresentada, com ênfase em sua relevância dentro do polissistema literário tanto em países de língua inglesa quanto no Brasil. Na segunda seção, discutiremos contexto de publicação da obra original e da obra traduzida para o português brasileiro. A fim de localizar o romance, na primeira subseção, examinaremos a obra da autora Sally Rooney como parte do gênero literário, originalmente alemão, *Bildungsroman*, tendo em vista a trajetória e as características dos protagonistas que são compartilhadas pela obra e pelo gênero. Na subseção seguinte, o enredo da história será apresentado de modo a apontar as marcas narrativas da autora, por meio das quais é possível identificar elementos subjetivos nas falas dos personagens envolvidos. Finalmente, na última seção, as conclusões sobre o capítulo serão sistematizadas.

1.1 A autora

Sally Rooney nasceu em *Castlebar*, Irlanda, em 1991, formou-se em inglês pela *Trinity College Dublin*, possuindo mestrado em literatura americana pela mesma instituição. Em sua graduação, Rooney dedicou-se como membro do grupo de debate na Universidade e acabou por publicar uma redação no *The Dublin Review*¹, expressando as razões pelas quais abandonou o grupo. A partir disso, sua escrita passou a ser estimada pelos leitores, e a autora começou, em 2016, a redigir seu

¹ Fundada em dezembro de 2000, *The Dublin Review* é uma revista trimestral de ensaios, memoriais, reportagens e ficção voltada somente para a língua inglesa. Disponível em: <https://thedublinreview.com/about/> Acesso em: 08 mai. 2023.

primeiro romance: *Conversation with Friends* (2017). Em 2018, Rooney publicou *Normal People* e, em 2021, *Beautiful World, Where Are You*, objeto da pesquisa deste trabalho. Considerada pela crítica como uma das principais escritoras da geração *millenials*², todas as suas obras se tornaram *best-sellers* no polissistema (Even-Zohar, 2000)³ editorial brasileiro e mundial, as quais atingem, majoritariamente, o público jovem-adulto.⁴

Além de romancista, Sally Rooney foi editora da revista literária *The Stinging Fly*⁵ entre 2017-18, um periódico em que ela publicou alguns de seus primeiros poemas. Com seu romance de estreia, *Conversation with Friends* (2017) — escrito em apenas três meses —, a autora ganhou o prêmio *The Sunday Times / Peters Fraser + Dunlop Young Writer of the Year Award*⁶ no mesmo ano de publicação. Seu segundo livro, publicado em 2018, *Normal People*, foi eleito como Livro do Ano no *British Book Awards*⁷, Romance do Ano no *Irish Book Awards*⁸, e ganhou o *Costa Novel Award*⁹ no ano de 2018. Por fim, o romance *Beautiful World, Where Are You*

² Segundo o *Cambridge Dictionary*, a geração de *millenials* compreende pessoas nascidas entre os anos de 1981 e 1996. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/millennial> Acesso em: 11 mai. 2023.

³ A *Teoria dos Polissistemas*, proposta por Itamar Even-Zohar, é uma abordagem teórica que analisa a dinâmica das culturas literárias dentro de um sistema mais amplo e interconectado. Segundo Even-Zohar (2000), um polissistema é um conjunto de sistemas inter-relacionados que podem incluir literatura, tradução, língua, entre outros elementos culturais. Esses sistemas competem entre si por espaço e influência dentro de uma cultura.

⁴ Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Sally-Rooney> Acesso em: 08 mai. 2023.

⁵ *The Stinging Fly* é uma revista literária, uma editora de livros, um provedor de educação e uma plataforma on-line. A organização é independente e não tem fins lucrativos. Sua missão é buscar, cultivar, publicar e promover os melhores escritores e novos textos. Disponível em: <https://stingingfly.org/about-us/> Acesso em: 08 mai. 2023.

⁶ O prêmio *The Sunday Times / Peters Fraser + Dunlop Young Writer of the Year Award* é concedido anualmente ao melhor trabalho de ficção, não-ficção ou poesia, publicado ou autopublicado, de um autor britânico ou irlandês com idade entre 18 e 35 anos. O critério fundamental é que o candidato à premiação tenha ganhado atenção e aclamação no setor editorial e na imprensa. Disponível em: <http://www.youngwriteraward.com/the-sunday-times-peters-fraser-dunlop-young-writer-of-the-year-award-announces-university-of-warwick-partnership/> Acesso em: 08 mai. 2023.

⁷ O *British Book Awards*, também conhecido como *The Nibbies*, é uma celebração dos livros: ele afirma, conecta e energiza o mundo da leitura, apresentando aqueles que criam histórias e todos os que desempenham um papel em dar vida a essas histórias. Disponível em: <https://www.thebookseller.com/events/the-british-book-awards?tab=about> Acesso em: 08 mai. 2023.

⁸ O *An Post Irish Book Awards* é um conjunto de prêmios de reconhecimento do setor criado por uma coalizão de livreiros irlandeses em 2007. Os prêmios são dedicados à celebração dos melhores escritores e textos irlandeses em todos os gêneros de publicação. Disponível em: <https://www.irishbookawards.ie/history/about-the-awards/> Acesso em: 08 mai. 2023.

⁹ Lançado em 1971, o *Costa Book Awards* é um dos prêmios de livros mais prestigiados e populares do Reino Unido, celebrando os livros mais agradáveis do ano por escritores residentes no Reino Unido e na Irlanda. O prêmio tem cinco categorias exclusivas – Primeiro Romance, Romance, Biografia, Poesia e Livro Infantil –, e um dos cinco livros vencedores é selecionado como o Livro Costa do ano. Disponível em: <https://www.costa.co.uk/behind-the-beans/costa-book-awards/book-awards#:~:text=Launched%20in%201971%2C%20the%20Costa,in%20the%20UK%20and%20Ireland> Acesso em: 09 mai. 2023.

(2021) foi nomeado como Melhor Ficção no *The Goodreads Choice Awards 2021*¹⁰. Após a publicação de seu romance de estreia, Sally Rooney foi chamada de a “primeira grande autora *millennial*” pelo *The New York Times*¹¹.

1.2 A obra: a publicação do original e sua respectiva tradução para a língua portuguesa

Publicado pela editora britânica *Faber & Faber* em 7 de setembro de 2021¹², *Beautiful World, Where Are You* (2021) já era amplamente aguardado e aclamado pelos leitores de Sally Rooney antes mesmo de chegar ao público. Por se tratar de seu terceiro romance, a autora já havia conquistado um espaço significativo no polissistema literário jovem-adulto, consolidando sua carreira com suas obras anteriores. O lançamento do romance foi acompanhado por estratégias de marketing efetivas, incluindo um website criado pela editora e dedicado a divulgar novidades relacionadas ao livro e suas atualizações, além de uma *newsletter* personalizada que pretendia manter os leitores informados sobre o lançamento. A campanha de marketing também incentivou o uso da *hashtag* #BWWAY nas redes sociais para aumentar o engajamento entre os espectadores. Nos estados Unidos, onde o livro foi publicado pela *Farrar, Straus and Giroux*¹³, a estratégia de marketing incluiu a promoção de um sorteio, durante as semanas que antecederiam o lançamento do romance, que premiou cinco ganhadores com uma caixa contendo uma edição da primeira impressão do livro, uma *ecobag*, um conjunto de cartões postais, um lápis BWWAY, e um chapéu *bucket* da Sally Rooney, aumentando de maneira eficaz a expectativa e o entusiasmo em torno do lançamento¹⁴.

¹⁰ Lançado pela primeira vez em 2009, O *Goodreads Choice Awards* é uma premiação anual concedido pela plataforma online de recomendações de livros, o *Goodreads*. Os vencedores são escolhidos por meio de uma votação aberta e anunciados ao final de cada ano. Disponível em: https://www.goodreads.com/choiceawards/best-books-2022?ref=nav_brws_gca Acesso em: 09 mai. 2023.

¹¹ O *The New York Times*, fundado em 1851, é um dos jornais mais influentes da cidade de Nova York e abrange uma ampla gama de tópicos, como política, arte, cultura, tecnologia etc.. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/08/31/world/europe/sally-rooney-ireland.html> Acesso em: 14 mai. 2023.

¹² Disponível em: <https://beautifulworldwhereareyou.com/?result=success> Acesso em: 27 mai. 2023.

¹³ Disponível em: <https://us.macmillan.com/fsg/> Acesso em: 27 mai. 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://fsgworkinprogress.com/beautiful-world-where-are-you-sweepstakes/> Acesso em: 27 mai. 2023.

No polissistema literário brasileiro, o romance *Belo Mundo, Onde Você Está* foi publicado pela editora Companhia das Letras também no dia 7 de setembro de 2021 e conta com a tradução de Débora Landsberg, tradutora das outras duas obras de Sally Rooney já publicadas no Brasil. Landsberg se graduou em Letras com habilitação em Tradução pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2008 e concluiu o mestrado em Estudos da Linguagem em 2016¹⁵. Devido ao sucesso das obras anteriores de Rooney entre os leitores brasileiros, o lançamento deste novo livro foi recebido com grandes expectativas, especialmente entre criadores de conteúdo literário nas redes sociais e no YouTube.

1.2.1 O *Bildungsroman*: romance de formação

Para localizar uma obra literária, é preciso considerar suas relações com a cultura e a história de seu contexto de produção. Na Alemanha do século XVIII, surgiu um método historiográfico de análise literária, desenvolvido pelo filósofo e crítico literário Friedrich Schlegel, que visava a submeter a categoria estética de literatura à categoria ideológica (Maas, 2000). No contexto em que se buscava atribuir um caráter nacional à literatura de expressão alemã, o *Bildungsroman* consolidou-se como um gênero literário de caráter realista, fundado nas transformações históricas, culturais e literárias dos últimos trinta anos daquele século na Europa (Maas, 2000). Consequentemente, o gênero tornou-se um conceito muito produtivo na literatura nacional europeia e, mais tarde, foi integrado às demais literaturas vigentes, como a americana e a britânica.

O *Bildungsroman* é tradicionalmente descrito como um romance que “representa a formação do protagonista em seu início e trajetória até alcançar um determinado grau de perfectibilidade” (Morgenstern, 1796 *apud* Maas, 2000, p. 19). O termo alemão é composto pela justaposição dos radicais *Bildung*, que significa formação, e *Roman*, que significa romance. Um dos marcos fundamentais para a consolidação do gênero no polissistema literário alemão foi a obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Johann Wolfgang von Goethe (Maas, 2000). Essa

¹⁵ Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/5867988/debora-landsberg-gelender-coelho>
Acesso em: 18 jul. 2023.

obra cristaliza o ideal de aperfeiçoamento humano e a trajetória de desenvolvimento pessoal e moral, que são pilares desse gênero literário, vinculados à formação educacional de jovem burguês que se depara com indagações morais ao longo de sua vida pessoal e profissional, como destaca a autora (Maas, 2000).

Na coletânea de artigos intitulada “*The History of the Bildungsroman*” (Graham, 2019), os autores abordam a trajetória e a evolução do *Bildungsroman* em diferentes países ao longo dos séculos, destacando sua influência duradoura em diversas culturas por mais de duzentos anos. Em vez de se concentrar exclusivamente nas tradições literárias nacionais e históricas, a obra oferece uma nova perspectiva sobre a influência do gênero, elucidando as razões pelas quais ele continua a ser um elemento central na cultura literária. Apesar de divergências entre críticos literários sobre as circunstâncias de origem do gênero, é amplamente aceito que o *Bildungsroman* emergiu na Alemanha no final do século XVIII, como um veículo pelo qual escritores e leitores navegaram pelas rápidas mudanças sociais na Europa (Graham, 2019). Franco Moretti, em seu estudo seminal sobre o gênero, *The Way of The World* (1987), argumenta que o *Bildungsroman* é crucial “não apenas na história do romance, mas em todo o nosso legado cultural”, porque “retrata e reencena, à medida que o lemos, um relacionamento com a totalidade social” (Moretti, 1987 *apud* Graham, 2019, p. 4).

No que tange à cultura irlandesa, o gênero *Bildungsroman* ocupa uma posição central no polissistema literário do país, pois reflete e questiona a complexa interação entre identidade individual, cultura e história na Irlanda. Tradicionalmente associado à formação e ao amadurecimento do protagonista, o gênero literário assume características únicas ao dialogar com as especificidades do contexto histórico, como o impacto do colonialismo britânico, os conflitos religiosos e as transformações sociais decorrentes da independência e da modernização. Obras como *A Portrait of the Artist as a Young Man* (1916), de James Joyce, são fundamentais para entender como o gênero se moldou no contexto irlandês. Nesse romance, a jornada do protagonista Stephen Dedalus representa não apenas a busca por identidade pessoal, mas também a tentativa de conciliar aspirações individuais com as expectativas sociais e culturais de uma Irlanda marcada por fortes tradições religiosas e históricas (Dias, 2021).

Descrevendo a jornada da juventude à maturidade, o *Bildungsroman* clássico se concentra em um protagonista que se esforça para conciliar as aspirações individuais com as exigências da conformidade social. Esse tipo de narrativa proporciona um acesso privilegiado ao desenvolvimento psicológico de um personagem central, cujo senso de identidade está em fluxo, às tensões entre aspirações particulares e valores pessoais predominantes (Graham, 2019) e, portanto, às suas subjetividades como indivíduo. De acordo com Finegan (1995), o enunciador deixa marcas de seu posicionamento acerca do mundo e da expressão de seus pensamentos em seu discurso por meio de recursos linguísticos disponíveis a ele, ou seja, sua subjetividade, que é materializada no texto, “diz respeito ao envolvimento do agente locucionário em um discurso e o efeito desse envolvimento na estrutura formal do discurso [...] na expressão linguística de si mesmo” (Finegan, 1995, p. 1, tradução nossa)¹⁶ — marcas características do gênero literário em questão.

No contexto da obra *Beautiful World, Where Are You* (2021), de Sally Rooney, os elementos característicos do *Bildungsroman* são perceptíveis. Os protagonistas, Alice, Felix, Eileen e Simon, enfrentam dilemas morais, emocionais e profissionais enquanto lidam com a complexidade de suas vidas adultas. A jornada desses personagens reflete uma busca contínua por identidade e compreensão em um mundo moderno, onde as expectativas sociais e as aspirações pessoais muitas vezes entram em conflito. O desenvolvimento psicológico e as interações interpessoais desses personagens são centrais para a narrativa, fazendo com que o romance de Rooney dialogue diretamente com os fundamentos do *Bildungsroman*.

Devido a sua associação com o Iluminismo alemão, o gênero foi considerado exclusivo de romances alemães da era de Goethe e Wieland, que representavam a transição da juventude para a maturidade (Graham, 2019). Ao defender incisivamente o lugar do gênero na literatura alemã, o escritor Mann (1993 *apud* Graham, 2019, p.15, tradução nossa) aponta que o *Bildungsroman* é “uma variante do romance que é alemã, tipicamente alemã, legitimamente nacional e que é carregada de autobiografia¹⁷”. Segundo uma das autoras, tal análise crítica coloca em questão a

¹⁶ Cf.: “Subjectivity concerns the involvement of a locutionary agent in a discourse, and the effect of that involvement on the formal shape of discourse - in other words, on the linguistic expression of self.” (Finegan, 1995, p. 1)

¹⁷ Cf.: “[...] one variant of the novel that is German, typically German, legitimately national, and this is the autobiographically charged [...]” (Mann, 1993 *apud* Graham, 2019, p.15).

capacidade do gênero *Bildungsroman* de se adaptar e se integrar na literatura de outras culturas e, ainda assim, de manter sua identidade única como gênero (Graham, 2019). Nesse sentido, defendendo o lugar do “romance de formação” na literatura contemporânea, podemos argumentar que Sally Rooney adapta e localiza os conceitos do *Bildungsroman* em sua obra *Beautiful World, Where Are You* (2021), inserindo-os no contexto do século XXI e expandindo seu alcance para incluir discussões sobre a complexidade da vida adulta, relacionamentos interpessoais e o papel da subjetividade na construção da identidade.

1.2.2 Belo Mundo, Onde Você Está

O título do romance foi inspirado em um verso do poema alemão *Die Götter Griechenlandes* (Os deuses da Grécia), de Friedrich Schiller, publicado pela primeira vez em 1788. Como explica a autora na seção de agradecimentos de seu livro, o nome é a tradução literal de um dos versos do poema alemão: *Schöne Welt, wo bist du? — Belo Mundo, Onde Você Está*¹⁸. Da mesma forma, o verso dialogou com outras áreas da cultura: deu origem ao nome da Bienal de Liverpool em 2018¹⁹ e inspirou o compositor e músico Franz Schubert a compor um tema com base no poema em 1819²⁰.

Ambientado na Irlanda, o enredo de *Belo Mundo, Onde Você Está* narra as histórias entrelaçadas de quatro personagens principais: Alice, Eileen, Felix e Simon. Alice Kelleher, uma romancista de sucesso, decide se afastar do intenso universo editorial de Dublin, Londres e Nova York, onde construiu sua carreira. Em busca de distância do sucesso comercial que alcançou com seu livro mais recente e após um colapso emocional, ela se muda para uma pequena cidade no condado de Mayo, onde conhece Felix. Enquanto isso, na metrópole de Dublin, sua amiga e editora Eileen Lydon se depara com outras crises pessoais relacionadas à sua vida familiar e

¹⁸ Rooney, Sally. *Belo Mundo, Onde Você Está*. Tradução de Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras. 2021.

¹⁹ Disponível em: <https://www.deutschlandfunk.de/liverpool-biennale-beautiful-world-where-are-you-100.html> Acesso em: 28 mai. 2023.

²⁰ Disponível em: <https://classicosdosclassicos.mus.br/obras/schubert-die-gotter-griechenlands/> Acesso em: 28 mai. 2023.

amorosa. Em busca de estabilidade emocional, a jovem se apega a Simon Costigan, uma figura que está presente em sua vida desde a infância.

O desencontro geográfico entre Alice e Eileen é um elemento central na dinâmica do romance, criando tensões que permeiam o relacionamento das duas amigas, como aponta a escritora e crítica literária Marcela Santos Brigida, em sua resenha de *Belo Mundo, Onde Você Está* (2021)²¹. Ainda em seu texto, a resenhista aponta que raramente o leitor tem acesso ao monólogo interior, ou discurso (Mello, 2009)²², dos personagens da obra, a não ser pela troca de e-mails entre as duas protagonistas, os quais servem como interlúdios no enredo e oferecem ao leitor um vislumbre mais profundo das subjetividades de Alice e Eileen. Esses e-mails tornam as protagonistas mais acessíveis ao leitor do que os personagens masculinos, Simon e Felix, cujas interioridades são menos exploradas.

Sob uma perspectiva linguística funcional, o linguista francês Benveniste (1971 *apud* Finegan, 1995, p.1, tradução nossa) argumenta que a base da subjetividade reside no exercício da língua, a qual “é organizada de tal forma que permite que cada falante *aproprie para si mesmo* uma língua inteira, designando-se como *eu*”²³. Nesse caso, a subjetividade da fala diz respeito à expressão individual e à representação do ponto de vista discursivo daquele que emite a mensagem (Finegan, 1995). Na obra de Rooney (2021), é possível identificar variados marcadores linguísticos que atuam como recursos de expressividade dos personagens e que estão presentes ao longo de cada interação, seja nos diálogos ou nos e-mails anteriormente citados. Além disso, Rooney adota um estilo de escrita peculiar em seus diálogos, os quais não possuem marcadores gráficos tradicionais que indicam as falas dos personagens ao longo do texto, como aspas ou travessão.

²¹ Disponível em: <https://literaturainglesa.com.br/resenha-beautiful-world-where-are-you-2021-de-sally-rooney/> Acesso em: 28 mai. 2023.

²² A partir da concepção de que a língua não é um sistema abstrato, e sim uma mediação essencial entre o homem e sua realidade social, a Análise do Discurso de escola francesa inaugura uma nova instância da linguagem: o discurso, que representa a interação em que uma ideologia é manifestada. A AD desconsidera a noção de língua como apenas um instrumento de comunicação entre falantes, em que uma mensagem é codificada e decodificada, mas a entende como um processo de significação, no qual sujeitos são afetados pela cultura e pela língua. Portanto, o discurso é um efeito de sentidos entre falantes constituídos no jogo sócio-histórico e político-ideológico do dizer (Mello, 2009, p. 48).

²³ Cf.: “Language is so organized that it permits each speaker to *appropriate* to *himself* an entire language by designating himself as *I*.” (Benveniste, 1971 *apud* Finegan, 1995, p.1).

1.3 Conclusões do capítulo

Este capítulo teve como objetivo apresentar a autora e a tradutora da obra *Beautiful World, Where Are You* (2021), destacando sua relevância no polissistema literário brasileiro. Além disso, foi dedicada uma seção ao delineamento do gênero literário em que a obra está inserida, com ênfase nas principais características do *Bildungsroman*. Esse enquadramento é fundamental, pois, ao longo deste trabalho, serão aprofundados conceitos relacionados à subjetividade do falante, à expressão do *eu* e à forma como o indivíduo materializa seu discurso interior por meio de marcadores linguísticos. Por fim, foi realizada uma breve apresentação do enredo da obra, evidenciando a dinâmica de interação entre os personagens, por meio da qual o leitor acessa o discurso e as subjetividades de cada um deles.

CAPÍTULO II

A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO TRATAMENTO DA LÍNGUA: UMA VISÃO GERAL

Este capítulo tem como principal objetivo discutir os pressupostos fundamentais da abordagem construcional no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, também LFCU – (Bybee, 2010; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016), buscando estabelecer de que maneira a abordagem construcional pode contribuir substancialmente para os Estudos da Tradução. A fim de cumprir o objetivo proposto, serão explorados os aspectos fundamentais da LFCU e a possível relação entre a abordagem construcional e a tradução.

Na primeira seção, serão estabelecidos os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso e serão pontuadas as principais contribuições da Gramática de Construções no âmbito da LFCU – versão mais contemporânea do funcionalismo. Na seção seguinte, procura-se estabelecer uma relação entre a abordagem construcional e os Estudos da Tradução, a partir da apresentação e da discussão de trabalhos acadêmicos que foram fundamentados nessa interface. Por fim, na última seção, as conclusões acerca do capítulo serão sistematizadas.

2.1. Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos fundamentais

Em determinada situação comunicativa, a todo momento, o falante realiza escolhas linguísticas para se expressar e, tais escolhas visam a atender suas necessidades cognitivas e comunicativas (Bybee, 2010). A língua, portanto, atua em conjunto com os processos cognitivos da mente humana e está sob a influência de fatores extralinguísticos, isto é, aspectos sociais e culturais. Dessa forma, conclui-se que o falante é dotado de motivações comunicativas que são consequências do contexto em que se encontra e que seus enunciados integram estrutura e significado. Bybee (2016) compara as línguas naturais a dunas de areia, ou seja, a fenômenos da natureza que possuem regularidades de forma e de estrutura e que apresentam

variações entre instâncias individuais que sofrem gradiência e mudança com o passar do tempo. A língua, dessa forma, é um fenômeno que apresenta certos padrões em seu aspecto formal, mas que também sofre mudanças e variações quanto ao seu aspecto funcional. Nesse sentido, a autora entende que é necessária “uma teoria da linguagem [...] focada nos processos dinâmicos que criam as línguas e que conferem a elas sua estrutura e sua variância” (Bybee, 2016, p. 18), sinalizando também que “fenômenos estruturais que observamos na gramática das línguas naturais podem ser derivados de processos cognitivos de domínio geral” (Bybee, 2016, p. 18). A partir dessa necessidade, emerge uma corrente nos estudos linguísticos que visa a dar conta desses processos dinâmicos presentes na língua, foco desta seção.

Para fundamentarmos o que é a Linguística Funcional Centrada no Uso, é necessário estabelecer um breve histórico acerca dos estudos linguísticos anteriores que culminaram nessa corrente. É sabido que o campo da Linguística estuda o mecanismo das línguas naturais. Para Fiorin (2013, p. 42), ela “tem por finalidade elucidar o funcionamento da linguagem humana, descrevendo e explicando a estrutura e o uso das diferentes línguas faladas no mundo. Esse é seu objeto empírico”. Entretanto, os estudos desse campo foram divididos em duas grandes correntes: formalismo e funcionalismo. O polo formalista, constituído pelo estruturalismo – cujo principal representante é Saussure (1915) – e pelo gerativismo – cujo principal representante é Chomsky (1950) –, tem como foco a forma da língua, a partir de uma perspectiva imanentista, desconsiderando a língua em uso como objeto de pesquisa. No caso específico do gerativismo, observa-se que o modelo foi continuamente refinado ao longo das décadas seguintes ao seu surgimento. Entretanto, como afirma Pezatti (2005, p. 166), “a hegemonia da teoria gerativa-transformacional começou a ceder espaço para outras linhas de pesquisa, devido ao seu caráter altamente formal”.

A quebra dessa hegemonia estava relacionada a pouca consideração dos aspectos funcionais da língua, ou seja, fatores semântico-pragmáticos, que representam o seu uso real. A partir desse momento, surge uma nova maneira de olhar as línguas naturais, não mais se baseando na perspectiva formal, mas buscando uma integração entre discurso e gramática. O polo funcionalista inaugura, portanto, uma nova fase dos estudos linguísticos, na qual a semântica e a pragmática assumem certa proeminência. Visto que a língua acontece durante a interação discursiva, essa

corrente vem para observar a forma da língua em um contexto linguístico e em uma situação extralinguística (Furtado da Cunha *et al.*, 2013). São variados os desdobramentos que a corrente funcionalista apresenta e, neste trabalho, nos interessa explorar uma das mais recentes vertentes funcionalistas: a Linguística Funcional Centrada no Uso.

Na década de 1970, a Linguística Funcional de vertente norte-americana propõe que gramática e discurso sejam estudados simultaneamente, uma vez que ambos interagem e exercem influência mútua entre si. Durante esse período, entretanto, o funcionalismo se baseava primordialmente no estudo da correlação *função > forma* no uso linguístico. No contexto atual de pesquisa, os estudos linguísticos ampliam seu espectro de observação e incorporam, mais efetivamente, a dimensão contextual e a situação extralinguística (Rosário; Oliveira, 2016). Contemporaneamente a essa vertente, a Linguística Cognitiva percebe o comportamento linguístico como uma resposta às atividades cognitivas ligadas aos princípios de categorização, ao processamento linguístico, à organização conceptual e, essencialmente, à experiência humana em contextos culturais, sociais e interacionais. Nessa abordagem, o falante adquire seu conhecimento linguístico a partir do uso da língua e, portanto, “os elementos que compõem o processo que leva ao desenvolvimento de novas construções gramaticais surgem do uso da língua em contexto e envolvem habilidades e estratégias cognitivas” (Furtado da Cunha *et al.*, 2013, p. 14).

De maneira complementar ao funcionalismo clássico, que considerava a função mais significativa que a forma, a LFCU — versão contemporânea do funcionalismo — adota o olhar de bidirecionalidade entre forma e função, considerando-as correlacionadas e indissociáveis entre si em construções linguísticas. O princípio basilar da LFCU consiste na noção de que a estrutura de uma língua emerge conforme o seu uso (Barlow; Kemmer, 2000; Bybee, 2010, 2011). Portanto, a análise de fenômenos linguísticos, agora, passa a ser baseada no uso real da língua em determinada situação comunicativa. Visto o caráter cognitivo das escolhas linguísticas do falante durante uma interação, a LFCU procura identificar as motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas que levam o indivíduo a usar determinados padrões construcionais (Furtado da Cunha *et al.*, 2013). Posto isso, a vertente da Linguística Funcional Centrada no Uso – ou versão contemporânea do

funcionalismo – foi constituída a partir de noções e princípios fundamentais da Gramática de Construções²⁴ e do funcionalismo clássico de vertente norte-americana (Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016).

As contribuições da Gramática de Construções são tão significativas que, como afirma Rosário (2022), a LFCU adota uma abordagem construcional da gramática, uma vez que a construção é considerada um pareamento entre forma e sentido. Para Martelotta (2011), “a gramática é um *fenômeno sociocultural*, o que sugere que sua estrutura e sua regularidade vêm do discurso”, logo, as mudanças gramaticais em cada língua são moldadas a partir de seus eventos de uso, ao mesmo tempo que são resultados da frequência no sistema linguístico, sendo que o sistema também é moldado por eventos discursivos (Martelotta, 2011, p. 58). Para o autor,

[...] todo esse mecanismo, veiculado pelo uso, ocasiona reanálises, analogias e outros processos que implicam alterações e extensões no emprego das expressões linguísticas. Os novos usos provenientes desses processos podem ter sua frequência aumentada, a ponto de transcender os limites do ambiente comunicativo em que são empregados, sendo assim incorporados ao sistema (Martelotta, 2011, p. 58).

Com base nessa noção, o autor denomina o sistema linguístico como “emergente”, uma vez que é gerado a partir do uso frequente e repetitivo de expressões linguísticas, por meio das habilidades cognitivas humanas, ocasionando, eventualmente, mudanças significativas em construções moldadas pelas condições de enunciação.

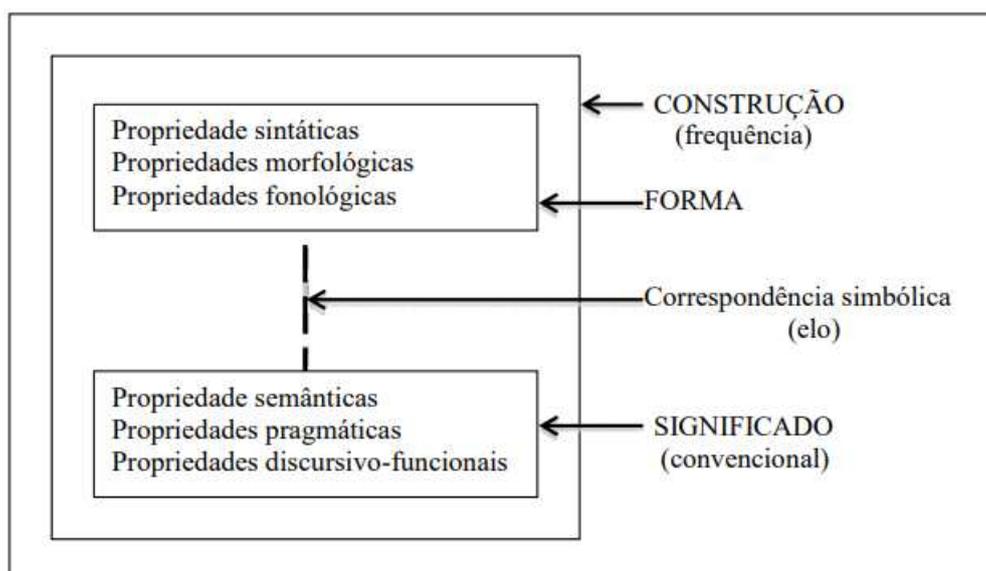
Como mencionado anteriormente, a LFCU apresenta noções e princípios que são fundamentais à Gramática de Construções, tomando como referência modelos construcionistas que são comprometidos em explicar a estrutura linguística a partir de processos cognitivos gerais e que são identificados epistemologicamente com a Linguística Cognitiva e com a Linguística Funcional. Formulada no contexto da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções, em todos os seus modelos, defende a noção de que a língua é constituída de pareamentos forma-significado²⁵,

²⁴ “Formulada no contexto da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções defende o postulado de que, de uma perspectiva sincrônica, a língua é constituída de pareamentos forma-significado, as chamadas construções, organizadas em rede” (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2007).

²⁵ Em 2016, durante workshop “*A constructionist approach to language*”, ministrado no XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, Goldberg inaugura o binômio forma-função, abdicando do termo “significado” em seus trabalhos e passando a empregar o termo “função” para designar elementos semânticos, pragmáticos e discursivos da construção, defendendo que o termo é mais abrangente.

as construções, organizados em redes (Goldberg, 1995, 2006; Langacker, 2008; Croft, 2001). A forma é referente a propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e o significado é referente a convenções estabelecidas em cada língua, as quais abrangem aspectos semânticos pragmáticos e discursivos (Croft, 2001). Dessa forma, apesar de apresentar certos atributos que são universais a toda língua, a gramática é o conhecimento de um sistema linguístico individual a cada língua existente e, para ela, “a construção é assumida como unidade gramatical básica e fundante” de uma língua (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995, 2006). Como apresentado por Hudson (2007), a arquitetura da linguagem, concebida como uma rede construcional, consiste na noção de que tudo na língua pode ser descrito por tipos de relação e herança, ou seja, a língua é um sistema de entidades interconectadas. A todo momento, novos elos e nós são estabelecidos na língua de maneira dinâmica, uma vez que a organização gramatical deriva do uso da língua e de contextos reais de comunicação. De acordo com Croft (2001), construções gramaticais são fundamentalmente unidades simbólicas convencionais, esquematizadas da seguinte forma:

Figura 1 – Representação da construção por Croft (2001)



Fonte: Cunha Lacerda e Furtado da Cunha (2017, p. 6).

Dentre os variados modelos de Gramática de Construções, apresentados e organizados na obra *The Oxford Handbook of Construction Grammar* (Hoffmann; Trousdale, 2013), a Linguística Funcional Centrada no Uso tem se fundamentado

principalmente nos modelos de Gramática de Construções representados pela Gramática de Construções Cognitiva (*Cognitive Construction Grammar*), de Goldberg (1995, 2006, 2016), e pela Gramática de Construções Radical (*Radical Construction Grammar*), de Croft (2001). Além disso, algumas proposições de Langacker (1987), em sua Gramática Cognitiva (*Cognitive Grammar*), se encontram na base da LFCU. Embora algumas proposições desses três modelos sejam assumidas no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, vale destacar que, até então, não havia nenhuma abordagem de cunho construcional dedicada exclusivamente ao tratamento da mudança linguística. E é, justamente nesse contexto, que Traugott e Trousdale (2013), na obra *Constructionalization and Construcional Changes*, propõe o tratamento sistemático da mudança a partir de uma perspectiva pautada em um viés construcional.

Sob essa perspectiva, a obra publicada traz contribuições significativas no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, uma vez que os autores propõem um modelo teórico para a compreensão da mudança ao assumirem que a língua é constituída a partir de redes taxonômicas de construções, as quais são organizadas hierarquicamente. A partir disso, Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017) apresentam três principais contribuições da Gramática de Construções no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso. A primeira delas é a proposição de um modelo focado no tratamento da mudança linguística com base na compreensão de que as construções emergem na língua e são organizadas em redes taxonômicas constituídas e organizadas de maneira hierárquica, já que os autores operam coma distinção entre quatro níveis de organização, a saber: construto, microconstrução, subesquema e esquema – os quais serão definidos mais adiante. A segunda contribuição é a proposição de um modelo que identifica a mudança linguística a partir de duas dimensões distintas, intituladas pelos autores de mudança construcional e construcionalização. A primeira está relacionada à dimensão interna da construção – em que subcomponentes de uma construção já existente são afetados, seja com relação à forma ou ao significado –, e a segunda é relacionada à emergência de novas construções na língua baseadas em pareamento forma e significado. A terceira contribuição é a proposição de um modelo que procura dar conta da mudança que ocorre tanto no âmbito gramatical quanto no lexical. Nesse sentido, ao tratarem da construcionalização gramatical e da construcionalização lexical, Traugott e Trousdale

(2013) propõem a co-ocorrência de três propriedades: a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade.

Segundo os autores, entende-se a esquematicidade como “a propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13, tradução nossa)²⁶. Essa propriedade está intimamente relacionada à noção de rede construcional, uma vez que mudanças linguísticas e construções da língua são estabelecidas a partir de redes taxonômicas hierarquicamente organizadas. Portanto, a esquematicidade está diretamente vinculada à gradiência das construções de uma língua, isto é, aquelas mais gerais, mais esquemáticas, ou aquelas mais específicas, menos esquemáticas. A partir disso, Traugott e Trousdale (2013) estabelecem três níveis de abstração distintos a fim de sistematizar a propriedade da esquematicidade. São eles: microconstrução, subesquema e esquema. As microconstruções são construções individuais que são empreendidas a partir do pareamento forma e função e que já são produtivas e convencionalizadas na língua, sendo, para isso, imprescindível o amplo emprego dessas construções nas redes individuais de uma população de modo geral. Os subesquemas são os elementos de similaridade encontrados entre microconstruções diversas. E, por fim, os esquemas são as construções mais genéricas da rede e caracterizam-se por serem de natureza abstrata e esquemática, incorporando estruturas complexas com diversas possibilidades de preenchimento.

Além disso, há os construtos, que constituem as ocorrências empiricamente atestadas, sendo caracterizados como o *locus* da mudança. Dessa forma, estão relacionados à frequência *token*, que compreende o número de ocorrências de determinada construção (Bybee, 2003, 2007, 2011).

Como conclusão, tal organização da língua em redes construcionais, estabelecidas por meio de esquemas e subesquemas, permite que o enunciador e o receptor da mensagem armazenem, inconscientemente, as informações sobre diferentes conjuntos de construções que constituem a língua, o que permite que essa seja pensada e concebida como uma organização cognitiva da experiência linguística.

²⁶ C.f.: “Schematicity is a property of categorization which crucially involves abstraction” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13).

Por sua vez, a propriedade da produtividade está intrinsicamente relacionada à noção de frequência, compreendendo, nos termos de Bybee (2003, 2011) a frequência *token* e a frequência *type*. A primeira é referente à extensão de uso de determinado construto pelos falantes, e a segunda é referente, como destacam Traugott e Trousdale (2013), ao fenômeno intitulado por Himmelmann (2004) de *host-class expansion*, já que as construções podem ser empregadas em diferentes colocações ao longo do tempo, devido ao seu caráter relacional e esquemático.

Por fim, a composicionalidade é referente ao nível de transparência na relação entre forma e significado, ou seja, ela é entendida em termos de convergência (*match*) ou divergência (*mismatch*) de aspectos de forma e significado. Dessa forma, quando uma construção é sintaticamente e semanticamente compatível, há um *match* entre forma e significado; e quando não há essa compatibilidade entre os elementos sintáticos e semânticos de determinada construção, há um *mismatch* entre forma e significado. Com base nisso, Traugott e Trousdale (2013) assumem a co-ocorrência de tais propriedades como fundamentais para o processo de mudança e para o surgimento de novos padrões construcionais em uma língua.

2.2. A tradução e a abordagem construcional: uma relação possível e necessária

A partir da concepção de que a arquitetura da língua é concebida como uma rede de construções relacionadas de maneira hierárquica e de que essas construções são estabelecidas por pareamento forma-função, é possível entender que o falante elabora seu discurso baseado em motivações cognitivas e pragmáticas que o levam a escolher determinados padrões construcionais. E, assim, acontece em todas as línguas. Logo, durante o processo tradutório de uma obra, por exemplo, é de extrema relevância que tais intenções comunicativas presentes no texto original estejam presentes no texto alvo. Ao incorporar princípios construcionais na análise e prática da tradução, é possível fornecer uma compreensão mais profunda das escolhas linguísticas e dos padrões comunicativos presentes nos textos originais, possibilitando, assim, uma tradução mais precisa e fiel às intenções do autor e às expectativas do público-alvo. Ainda são poucos os trabalhos que exploram a interface entre a abordagem construcional e a tradução, relação essa que tem muito a contribuir no contexto dos Estudos da Tradução.

Desse modo, nesta seção, trataremos de três trabalhos que foram realizados sobre a relação entre abordagem construcional e tradução. Inicialmente, apresentamos a Dissertação de Mestrado de Rodrigo Garcia Rosa (2014), intitulada *Fraseologia do verbo get na língua inglesa: uma abordagem da Linguística de Corpus e da Gramática de Construções*. Em seguida, tratamos do Trabalho de Conclusão de Curso de Leila da Silva Barbosa (2021), intitulado *Contribuições da abordagem construcional para os Estudos da Tradução: evidências a partir da tradução para o inglês de construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com 'real' e 'real oficial' na série The Circle Brasil*. E, por fim, revisamos o Trabalho de Conclusão de Curso de Priscila Bastos Giesbrecht (2021), intitulado *Contribuições da abordagem construcional para os Estudos da Tradução: o caso do advérbio realmente e suas múltiplas funções na tradução para a língua francesa*.

A pesquisa de Rosa (2014) busca investigar os usos do verbo *get* do inglês em contextos em que ele é seguido de sintagmas nominais, a fim de estabelecer um mapeamento das construções em que esse predicado pode ocorrer. O trabalho adota a perspectiva da Gramática de Construções, de natureza cognitiva, para analisar e classificar as construções e, mais especificamente, para descrever o comportamento linguístico de *get* no nível construcional e no nível lexical. Para isso, o autor adota a metodologia da Linguística de *Corpus* e utiliza um *corpus* de inglês americano como fonte de dados empíricos para sua pesquisa. Apesar de não apresentar diretamente a contribuição de sua pesquisa para o âmbito da tradução, a investigação do verbo *get* e os resultados obtidos podem substancialmente favorecer a pesquisa de tradutores quanto ao comportamento do verbo em determinado contexto comunicativo para seus trabalhos.

Por outro lado, em Barbosa (2021), a autora investiga como se deu a tradução das construções com “real” e “real oficial” no reality show *The Circle Brasil*, levando em conta o caráter modalizador epistêmico asseverativo dessas construções. Buscou-se, assim, averiguar se as escolhas tradutórias que envolviam essas construções contemplaram os aspectos funcionais e formais dos padrões construcionais, além de salientar a importância de o tradutor estar consciente de que a construção é a unidade básica da língua.

Da mesma forma, Giesbrecht (2021) investiga a tradução do advérbio *realmente* para a língua francesa, tomando como *corpus* de pesquisa a obra *Viva o*

povo brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro, e sua respectiva tradução para a língua inglesa. Tomando como base a LFCU, a autora busca atestar se o tradutor da obra considera os pareamentos forma-função apresentados pelo advérbio em questão ao elaborar seu trabalho.

2.3. Conclusões do capítulo

Este capítulo teve como objetivo estabelecer os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e traçar sucintamente uma linha histórica dos estudos linguísticos anteriores a essa corrente. Em seguida, foram destacadas as contribuições da Gramática de Construções no âmbito da LFCU, visto que esta adota uma perspectiva construcional da gramática. Além disso, foram apresentados três trabalhos que contemplaram a possível relação entre os Estudos da Tradução e a abordagem construcional e que evidenciaram a produtividade de tal interseção, proposta também deste trabalho.

CAPÍTULO III

MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA ASSEVERATIVA: UMA BREVE REVISÃO

O objetivo deste capítulo é apresentar um dos aspectos de uso dos verbos auxiliares do inglês *do* e *did*, a fim de inseri-los na categoria discursiva de modalizadores epistêmicos asseverativos. Para isso, serão explorados os conceitos de modalização e subjetividade no contexto da interação discursiva.

A fim de cumprir o objetivo proposto, na primeira seção, busca-se apresentar uma visão geral dos conceitos de modalização e de modalizadores, tendo como princípio básico o aspecto da subjetividade do discurso. Além disso, serão identificados os diferentes tipos de modalizadores do discurso – categorizados por Neves (2000) – de acordo com o posicionamento discursivo do falante. Na segunda seção, pretende-se contemplar uma das classificações de modalidade – a modalização epistêmica asseverativa –, além de refletir sobre seu caráter subjetivo e argumentativo no discurso. Na seção seguinte, o objetivo será apresentar os verbos auxiliares do inglês *do* e *did* e sua tendência de uso em contextos linguísticos declarativos afirmativos, nos quais eles exercem a função de modalizadores epistêmicos asseverativos. Por fim, na última seção, as conclusões acerca do capítulo serão sistematizadas.

3.1. Modalização e modalizadores: uma visão geral

A modalização no discurso implica a ideia de uma alteração ou modificação por parte do locutor sobre algo que está sendo proferido. De acordo com Palmer (2001), na obra *Mood and Modality*, há dois componentes em uma sentença, o *dictum* e *modus*. O *dictum* é a informação e o conteúdo proposicional que estão contidos na sentença, e o *modus* é a avaliação que é realizada sobre o *dictum*, a qual, segundo o autor, pode ser gramaticalmente representada pelo modo verbal e por advérbios, adjetivos sentenciais e, até mesmo, pela entoação. A esses conceitos, o autor agrega o conceito da modalidade, ou modalização, que é “o propósito com que enunciamos

o conteúdo da sentença, tal como asseverar, indagar, ordenar” (Palmer, 2001, p. 322). Para ilustrar a ideia, imaginemos um falante, em uma interação verbal, proferindo as seguintes sentenças: (a) “Eu não irei à festa amanhã” e (b) “Certamente certeza não irei à festa amanhã”. Nota-se que ambos os enunciados comunicam a mesma mensagem de que o locutor “não irá à festa amanhã”, porém o grau de subjetividade do falante é maior no segundo do que no primeiro, já que o falante, no segundo caso, utilizou o modalizador “certamente” para asseverar o conteúdo proposicional. Nesse sentido, o indivíduo pode sentir a necessidade de adicionar um marcador em sua fala a fim de se comprometer, ou não, com o seu discurso. No contexto da LFCU, discutida no capítulo anterior, os aspectos formais e os aspectos funcionais de uma construção são indissociáveis entre si, ou seja, para cada nova forma, há uma função diferente. Dito isso, no *dictum*, representado em (b), o enunciador escolhe materializar seu discurso em uma nova forma, mais subjetiva do que em (a), adicionando um *modus* modalizador “certamente”, marcador esse que altera notadamente o comprometimento do indivíduo com relação ao conteúdo de seu discurso — as duas formas proferidas pelo mesmo falante possuem, portanto, funções diferentes entre si. Além de querer expressar a convicção de que não vai à festa no dia seguinte, o locutor também o faz em função do seu interlocutor, para enfatizar o valor de verdade que essa informação tem, seja qual for a sua intenção. Para Nascimento (2009, p. 1372),

[...] não nos parece produtivo separar a atitude do falante (expressar certeza, logo modalização), da sua intenção (fazer que o locutor acredite que isso é uma verdade, logo modalidade). Tampouco é produtivo separar a escolha em asseverar, (expressar uma certeza = modalização), do julgamento feito pelo falante (eu considero isso uma verdade = modalidade) (Nascimento, 2009, p. 1372).

Durante uma interação verbal, o falante escolhe ser mais ou menos subjetivo de acordo com a necessidade que sente de inserir e sinalizar a relevância de seu discurso. Conforme discutido no capítulo anterior, para Traugott (1995), a subjetivização ocorre a partir da inserção e expressão do falante e de sua perspectiva em seu discurso que é gramaticalmente sinalizada, e a intersubjetivização decorre da atenção do locutor em relação ao interlocutor, também sinalizada gramaticalmente (Traugott, 1995, 2010b). Nesse sentido, a intersubjetividade é fundamentada na subjetividade, uma vez que, segundo Traugott e Dasher (2005, p. 22, tradução

nossa)²⁷, “a subjetividade é um pré-requisito para a intersubjetividade, na medida em que a atitude do locutor em relação ao interlocutor é uma função da perspectiva do locutor”. Portanto, percebe-se, de certa forma, uma intencionalidade de argumentar e persuadir inserida no discurso orientado pelo emissor, já que “a todo discurso subjaz uma ideologia” (Koch, 1987, p. 19).

Dentre os variados tipos de relações intertextuais, os enunciados, segundo Koch (1984), podem se desenvolver a partir de dois grandes tipos de relações: a) lógica ou semântica; b) discursiva ou pragmática. A primeira relação é estabelecida a partir das proposições que constituem um enunciado ou dos enunciados que constituem um texto, sendo predominantemente de caráter objetivo. Logo, na língua natural, essa relação equivale às relações lógicas de, por exemplo, implicação, bicondicionalidade, causalidade, condicionalidade etc.. A segunda relação, por outro lado, assume um caráter eminentemente subjetivo e apresenta diversos graus de complexidade. Desse modo, essa relação se estabelece quando o discurso é marcado, por exemplo, por concordância nominal ou verbal, entonação, relações pragmáticas, relações sintático-semânticas, que exprimem causa/consequência, condicionalidade, hipótese, contraste, entre outros. Em adição, Koch (1984) trata da relação discursiva estabelecida entre o enunciado e a enunciação, que ela denomina de relação ideológica ou argumentativa. Esse terceiro tipo é intrinsecamente relacionado aos graus de intencionalidade do locutor durante a interação discursiva, os quais são identificados pelas marcas linguísticas relativas ao modo como é proferido o texto e às modalidades presentes na interlocução. Para a autora, as relações argumentativas estão diretamente relacionadas aos atos de linguagem, por meio dos quais o falante se inscreve no seu discurso e expressa sua intencionalidade (Koch, 1984).

Visto sua marcante subjetividade e, conseqüentemente, intersubjetividade no processo de comunicação, o falante expressa suas opiniões, suas crenças e seus ideais em suas construções, utilizando-se de marcadores linguísticos que revelam seu comprometimento em relação àquilo que está sendo proferido. A interação verbal proporciona um ambiente em que ideologias e princípios são postos em questão pelos participantes, os quais são concretizados por meio de marcadores discursivos, neste

²⁷ C.f.: “Subjectivity is a prerequisite to intersubjectivity, inasmuch as SP/W’s attitude toward AD/R is a function of the perspective of SP/W” (Traugott; Dasher, 2005, p. 22).

caso, os modalizadores. Como aponta Benveniste (1971, p. 226), “não se pode imaginar uma língua sem a expressão do indivíduo”, logo, compreende-se que, independente do grau de subjetividade e de engajamento, o falante é lido pelo mundo segundo o seu dizer, e o seu discurso interior é materializado por meio dos mecanismos dispostos em uma língua, sinalizando seu comprometimento, ou não, com relação àquilo que está sendo proferido por meio de mecanismos linguísticos, como a modalização discursiva. Com base nesse saber, é possível identificar a intencionalidade do enunciador em relação ao seu discurso proferido ao reconhecer o valor e a função dos modalizadores utilizados. Nesse sentido, Koch (1984, p. 138) declara que

[...] consideram-se modalizadores todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso. Estes elementos caracterizam os tipos de atos de fala que deseja desempenhar, revelam maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso (Koch, 1987, p. 138).

Por meio da língua, somos capazes, portanto, de identificar características intrínsecas aos falantes somente pela forma como estes proferem sua opinião, seu julgamento, sua crença ou seu posicionamento, seja de maneira comprometida, descomprometida ou incerta. Baseada na categorização de Neves (2000), Cunha Lacerda (2012) estrutura os cinco tipos distintos de modalidade da seguinte forma:

Tabela 1 - Tipos de modalidade de acordo com Cunha Lacerda (2012)

Modalidade	Definição	Exemplos
Alética ou lógica	Referente às condições de verdade que envolvem a proposição.	A água <u>pode</u> ser encontrada em estado sólido, líquido ou gasoso.
Bulomaica ou volitiva	Referente à disposição, à habilitação ou à capacitação para que algo aconteça.	Desta vez, o título <u>deve</u> ser nosso.
Disposicional ou habilitativa	Referente à disposição, à habilitação ou à capacitação para que algo aconteça.	A cirurgia foi realizada. O paciente, agora, <u>pode</u> andar.
Deôntica	Referente à instanciação de obrigações e permissões.	Você não <u>deve</u> viajar agora. Esta é a minha decisão!
Epistêmica	Referente ao julgamento do falante diante do mundo, tendo como característica o seu (des)comprometimento pessoal em relação à verdade da proposição.	<u>É provável</u> que haja funcionários bem treinados no escalão inferior da gestão.

Fonte: Cunha Lacerda (2012, p. 154)

A partir dessas noções, percebe-se como a modalização faz uso de diferentes recursos linguísticos, como a prosódia, os modos verbais, os verbos auxiliares, os adjetivos, os advérbios, entre outros (Castilho; Castilho, 2002, p. 215). Tais escolhas linguísticas são motivadas “pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções” (Parret, 1988 *apud* Corbari, 2016, p. 121). Koch (1984) identifica e denomina tal procedimento discursivo como *implicação*, o qual, reconhecendo que não há discurso neutro, objetivo ou imparcial, atua como a materialização de significados implícitos no discurso e de indicações modais das atitudes e intenções do agente locucionário.

Para este trabalho, tomaremos como base o princípio proposto por Finegan (1995) de que há uma relação inerente entre o conceito de subjetividade e modalização epistêmica. Sobre essa relação, “o autor reforça que a modalização epistêmica seria talvez a ocorrência mais explorada na manifestação da subjetividade do falante” (Cunha Lacerda, 2012, p. 154), uma vez que tal modalização diz respeito ao (des)comprometimento e ao julgamento do locutor sobre a verdade do seu

discurso, aspecto que influencia seu grau de subjetividade. Atrelado a isso, o autor atribui essa modalidade ao uso, principalmente, de verbos e advérbios.

3.2. Modalização epistêmica asseverativa

Relações discursivas, portanto, são estabelecidas entre aspectos ideológicos ou argumentativos, relacionados intrinsecamente à intencionalidade do locutor. Como argumenta Koch (1984), todos os fatores linguísticos relacionados à intenção deixam marcas linguísticas no texto vinculadas ao modo como o enunciado é produzido, constituindo as variadas modalidades da enunciação. Tais relações, as quais a autora denomina de relações argumentativas, possuem caráter pragmático e revelam o comprometimento ou não do locutor com relação àquilo que foi proferido. A partir disso, “a linguagem possui uma lógica própria e caracteriza-se, acima de tudo, pela argumentatividade” (Koch, 1984, p. 33).

Ainda sobre o comprometimento do enunciador em relação à sua fala, como visto e elaborado na seção anterior, Lyons (1977) argumenta que

[...] qualquer enunciado em que o falante qualifica, explicitamente, seu comprometimento com a verdade da proposição expressa pela sentença que ele pronuncia, seja essa qualificação explicitada no componente verbal [...] ou no componente prosódico ou paralinguístico, é um enunciado modal epistêmico, ou modalizado (Lyons, 1977. p. 797, tradução nossa)²⁸.

Dessa forma, percebe-se a estrita relação entre a modalização epistêmica e a subjetividade quanto à verdade proferida pelo locutor. Entretanto, previamente, é necessário distinguirmos as diferentes manifestações da modalização epistêmica. Sabemos que “a modalidade epistêmica se ocupa mais com questões acerca do conhecimento, crença ou opinião do que acerca de fatos” (Lyons, 1997, p. 793, tradução nossa)²⁹. E, nesse caso, nos termos Nascimento e Silva (2012), a modalização epistêmica pode atuar de três maneiras em um discurso, a saber:

²⁸ Cf.: “Any utterance in which the speaker explicitly qualifies his commitment to the truth of the proposition expressed by the sentence he utters, whether this qualification is made explicit in the verbal component ... or in the prosodic or paralinguistic component, is an epistemical modal, or modalized, utterance” (Lyons, 1977. p. 797).

²⁹ Cf.: “Epistemic modality is concerned with matters of knowledge, belief, or opinion rather than fact” (Lyons, 1997, p. 793).

Tabela 2 - Subtipos de modalização epistêmica (Nascimento; Silva, 2012)

Subtipos	Definição	Exemplos
Asseverativa	Ocorre quando o locutor considera certo o conteúdo do enunciado e, conseqüentemente, se responsabiliza pelo dito.	Dentre as atividades realizadas nesse estágio, uma delas me deixou <i>completamente</i> envolvida no mundo secretarial.
Quase-asseverativa	Ocorre quando o locutor considera o conteúdo da proposição quase certo ou como uma hipótese a ser confirmada e por isso não se responsabiliza pelo valor de “verdade” da proposição.	Apesar do contratempo, a coordenação cogitou a <i>possibilidade</i> de realizar os eventos quando houver uma nova data para os mesmos, ficando as estagiárias convidadas para participar da organização
Habilitativa	Ocorre quando o locutor expressa que algo ou alguém tem a capacidade de realizar algo e assim faz porque tem conhecimento a esse respeito.	Nesse estágio <i>pude</i> verificar a minha Inteligência Emocional, pois apareceram pelos caminhos alguns conflitos que tive que agir com a cabeça, e não me deixar levar pelo impulso.

Fonte: Nascimento e Silva (2012, p. 177-180)

A partir da classificação proposta por Nascimento e Silva (2012), é possível perceber os diferentes graus de subjetividade, ou seja, a inserção e o engajamento do falante em seu discurso, nos diferentes tipos de modalização epistêmica. Particularmente, a classificação asseverativa demonstra o mais alto comprometimento acerca do conteúdo enunciado. Amplamente utilizada em, por exemplo, artigos de opinião, resenhas, debates, textos argumentativos, essa categoria se propõe a funcionar como “uma estratégia argumentativo-pragmática bastante eficaz” (Nascimento; Silva, 2012 *apud* Nascimento; Bessa, 2020, p. 178).

Para este trabalho, é de extrema relevância destacarmos o conceito de modalização epistêmica asseverativa, uma vez que a análise realizada no Capítulo IV se pautará nessa categoria. Por meio dessa modalidade, o locutor “avalia como verdadeiro o conteúdo de seu enunciado, apresentando-o como uma asseveração

(afirmação ou negação), sem deixar espaço para dúvida e sem relativização” (Neves, 2013, p. 172). Como consequência, o agente do discurso revela seu conhecimento sobre aquilo que está dizendo e deixa pistas de suas intenções ao interlocutor na interação. Tais modalizadores denotam, nesse sentido, convicção e certeza na troca comunicativa, além de expressar uma alta adesão do falante em relação ao conteúdo proposicional. Nesse caso, o locutor apresenta o mais acentuado grau de subjetividade em seu discurso, visto que há um maior engajamento e um significativo uso de um marcador argumentativo. Os modalizadores asseverativos, ainda, podem ser distribuídos em dois tipos: os afirmativos, como *realmente*, *certamente*, *obviamente*, *sem dúvidas*; e os negativos, como *de forma alguma*, *de jeito nenhum*. Em Nascimento (2016), o autor ilustra os marcadores asseverativos a partir de exemplos elaborados por Castilho e Castilho (2002, p. 218), como em:

(01) *eu tenho de ir lá [...] porque **realmente** é um espetáculo bonito*

(02) ***evidentemente** a ele caberá tomar a decisão*

(03) *bem... **naturalmente** havia festa de formatura*

A partir disso, é possível comentar que os advérbios são amplamente utilizados no processo discursivo-argumentativo e são destacados por seu caráter modalizador e, nos casos acima ilustrados, asseverativo. Nos enunciados acima, não há espaço para dúvidas ou questionamentos, pois o locutor imprime sua crença e opinião, se comprometendo da maneira mais subjetiva que pode, com os recursos linguísticos para ele disponíveis. Ademais, os modalizadores asseverativos “podem, além de enfatizar o conteúdo da proposição do locutor, avaliar e asseverar a fala do outro, mantendo, desse modo, o diálogo entre interlocutores” (Adelino; Nascimento, 2019, p. 292). Portanto, tal modalidade revela ser inerente ao âmbito da situação comunicativa, uma vez que possui caráter interativo e social.

É importante ressaltar que, de acordo com Finegan (1995), além de advérbios modais, aqueles mais comumente usados para modalizar epistemicamente um discurso, “os idiomas têm muitos dispositivos para expressar o status epistêmico de uma proposição”, evidenciando, portanto, um alto grau de criatividade de um falante para comprometer-se com o conteúdo defendido ou não por ele.

3.3. Os auxiliares *do* e *did* como índices de modalização epistêmica asseverativa

No ensino tradicional de língua inglesa e nas gramáticas do inglês (Carter; McCarthy, 2006; Eastwood, 2006), é comum nos lembrarmos do verbo auxiliar “*do*” atuando de diversas formas, como, por exemplo: i) em orações interrogativas, em que posicionamos o sujeito antes do verbo principal no infinitivo e depois do auxiliar, como em: “*Do you know her?*”; ii) em orações negativas, posicionando o auxiliar com a negativa (*do + not*) antes do verbo principal no infinitivo, como em: “*Don’t be silly!*”; iii) nas chamadas *question tags*, que são perguntas curtas no final de determinadas orações a fim confirmar o que foi dito anteriormente, como em: “*You love this song, don’t you?*; ou iv) quando o interlocutor responde a uma pergunta de maneira curta, concordando ou não com o verbo principal, como em: “*Do you have any idea how much is this? — No, I don’t*”.

Entretanto, apesar de contemplada por gramáticas normativas de língua inglesa, como a *Oxford Practice Grammar*, o reconhecimento do auxiliar como um modalizador epistêmico asseverativo, nos termos da LFCU, é pouco explorado. Na gramática supracitada, há uma seção intitulada “*Emphatic Do*” em que, ao apresentar a função modalizadora do auxiliar, há o seguinte enunciado: “*in the present simple we put do before the verb* (p. 91)” seguido de quatro exemplos, e nada mais. Percebe-se, portanto, a pouca ou nenhuma preocupação em descrever o uso do auxiliar “*do*” de forma verdadeiramente empírica. De fato, gramaticalmente, é necessário, somente, posicionar a partícula “*do*” antes do verbo em uma afirmativa para tornar o enunciado enfático, como em: “*I did tell him to stay*”; entretanto, não é realizado o reconhecimento do uso do auxiliar como uma maneira de tornar o texto e o seu agente mais comprometido e subjetivo em relação ao conteúdo proferido, uma vez que o locutor é indubitavelmente expressivo e intencional em sua enunciação.

Em sua obra *Language, Usage and Cognition*, Bybee (2010) dedica um capítulo completo à investigação do desenvolvimento da categoria “verbo auxiliar” no inglês e, nas primeiras seções, se propõe a mapear a expansão do auxiliar *do* com base em fatores relacionados à gramaticalização³⁰ dos modais. A partir do conceito de gramaticalização, a autora argumenta que “a motivação para o surgimento de *do* em

³⁰ Segundo Hopper e Traugott (1993 *apud* Neves, 1997, p. 115), “[...] a gramaticalização é definida como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

perguntas e negativas é o aumento na frequência de uso dos verbos auxiliares modais” (Bybee, 2010, p. 191). Como resultado de sua detalhada análise a respeito da expansão da partícula *do*, a autora constata que as novas construções aumentaram a produtividade do auxiliar em virtude das mais antigas, o que, para a pesquisadora, comprova que “distribuições quantitativas importam e são parte da gramática” (Bybee, 2010, p. 191). Ao elaborar suas hipóteses, Bybee (2010) conclui que, por meio do uso de *do*, construções declarativas negativas e interrogativas se expandiram para orações com verbos principais finitos, ou seja, sem a presença de verbos auxiliares. Além disso, afirma que, com base nos dados analisados, essas duas construções tinham funções específicas — marcar perguntas e negativas — e, por isso, não há motivação para que haja expansão do auxiliar *do* em declarativas afirmativas. A autora corrobora, ainda, dizendo que:

[...] há uma tendência para mais verbos principais finitos (sem verbos auxiliares) nas declarativas afirmativas do que em perguntas e negativas. Assim, não há razão para prever que *do* como verbo auxiliar se expandiria para contextos declarativos afirmativos (Bybee, 2010, p. 204).

Entretanto, tendo em vista a criatividade linguística do falante em comprometer-se com seu discurso, ele desenvolve e utiliza novas construções para se revelar mais ou menos subjetivo. Durante o processo de gramaticalização, novas construções surgem a partir de uma instância particular de uma construção anterior e, certamente, esse processo aconteceu com o auxiliar *do* ao ser requisitado pelo falante em discursos afirmativos, investigação essa que merece ser estudada profundamente.

Como visto anteriormente, a modalização epistêmica asseverativa imprime um valor de comprometimento por parte do locutor em relação ao conteúdo proferido por ele. A respeito de modalizadores epistêmicos, Koch (2006, p. 136) afirma que eles “assinalam o grau de comprometimento/engajamento do locutor em relação ao seu enunciado, o grau de certeza com relação aos fatos enunciados.” Portanto, durante a interação, a depender de suas intenções expressivas, o enunciador terá um maior ou menor grau de engajamento diante a sua fala. No exemplo anterior, *I did tell him to stop*, o falante assevera epistemicamente sua expressão ao solicitar o auxiliar “*do*” como modalizador. Ao mudarmos, por exemplo, o auxiliar para um advérbio modal, como *really* — considerando as diferentes funções para cada uma das formas, pareamento forma-função (Goldberg, 2016) —, a construção passa a ser *I really told him to stop*, tornando, talvez, mais claro enxergar a função asseverativa do

modalizador. Entretanto, como Finegan (1995) afirmou com efeito, o locutor é em tal grau expressivo que faz uso de outros recursos disponíveis na língua, além dos advérbios modais — como é o caso de *really* —, a fim de asseverar epistemicamente sua proposição, um deles sendo o uso de *do* em orações declarativas afirmativas, posicionando-o antes do verbo principal.

A partir dessa reflexão, os verbos auxiliares *do* e *did* em diálogos e interações discursivas e sua respectiva tradução para a língua portuguesa, objeto desta pesquisa, podem e serão vistos aqui como marcadores linguísticos inseridos na modalidade epistêmica asseverativa, uma vez que desempenham, em declarações afirmativas, a função de asseverar e assegurar o valor de verdade de determinado conteúdo proposicional.

3.4. Conclusões do capítulo

Este capítulo se propôs a apresentar os conceitos de modalização e de modalizadores e a refletir, mais especificamente, sobre a função dos modalizadores epistêmicos asseverativos em contextos argumentativos, demonstrando seu caráter subjetivo. Além disso, foram traçados alguns dos possíveis usos dos verbos auxiliares *do* e *did* na interação discursiva, atentando-se ao seu uso em discursos declarativos afirmativos. Após essas apresentações, constatou-se que, nesse contexto de uso, o auxiliar do inglês exerce a função de modalizador epistêmico asseverativo, objeto de pesquisa deste trabalho.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo será dedicado à análise das escolhas tradutórias para o português brasileiro no que tange às construções *I do [X]* e *I did [X]* do inglês, na obra *Beautiful World, Where Are You* (2021), quando os auxiliares desempenham a função de modalizadores epistêmicos asseverativos no discurso direto.

A fim de cumprir o objetivo proposto, na primeira seção, busca-se refletir acerca do método misto de pesquisa, justificando a razão pela qual sua aplicação é fundamental para esta pesquisa. A seguir, na segunda seção, serão abordadas as contribuições da Linguística de *Corpus* no âmbito dos Estudos da Tradução, com base nas preposições de Sardinha (2002, 2003, 2007), e no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso, com base em Cunha Lacerda e Dall'Orto (2023). Na terceira seção, a ferramenta *AntConc* será apresentada, bem como suas contribuições para a pesquisa no âmbito da tradução. Em seguida, a quarta seção se propõe a traçar os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, explanando cada passo no tratamento do *corpus* utilizado. Na quarta seção, as análises das traduções de cada excerto serão pontualmente efetuadas, examinando se o pareamento forma-função, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), foi contemplado no discurso traduzido. Por fim, na última seção, as conclusões do capítulo serão sistematizadas a partir das evidências de cada análise.

4.1. A aplicação do método misto

Pesquisas guiadas pela abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso buscam descrever fatores de natureza semântico-cognitiva e discursivo-pragmática que influenciam as manifestações do objeto que está sendo analisado (Furtado da Cunha; Bispo, 2023). Dessa forma, a metodologia que mais se adéqua a pesquisas desse cunho é aquela que coaduna a análise indutiva, que considera as particularidades do fenômeno para chegar a alguma generalização, e dedutiva, que se apoia em uma base teórica e empírica consolidada, a qual Gívon (1995) nomeia de método abduativo de análise.

Em seu artigo, Cunha Lacerda e Dall’Orto advogam acerca da natureza metodológica considerada como fundamental em pesquisas linguísticas de cunho funcionalista. Ao citarem Martelotta (2009 *apud* Cunha Lacerda; Dall’Orto, 2023), estabelecem que a aplicação da metodologia quantitativa não é suficientemente adequada em uma análise funcional de dados linguísticos. Como as autoras destacam, “como nem sempre esses fatos linguísticos constituem fenômenos variáveis, a metodologia corre o risco de resultar inadequada” (Martelotta, 2009 *apud* Cunha Lacerda; Dall’Orto, 2023, p. 121). Tendo isso em vista, as autoras consideram adequado basear-se em uma análise tanto quantitativa quanto qualitativa. Nesse sentido, assumem que a Linguística de *Corpus*, ao permitir a realização de uma análise quantitativa e qualitativa, pode trazer contribuições significativas no âmbito do tratamento da língua em uso.

Nesse sentido, para esta pesquisa, adotamos o método misto, o qual coaduna os raciocínios indutivo e dedutivo, isto é, a metodologia qualitativa e a metodologia quantitativa. Schiffrin (1987 *apud* Cunha Lacerda, 2016) defende também o equacionamento entre as metodologias quantitativa e qualitativa quando a pesquisa é referente à análise de natureza linguística. Ao associar os dois métodos, segundo ela, o pesquisador dispõe de um elevado número de ocorrências e, por meio da quantificação, pode chegar a resultados que evidenciem determinados padrões do objeto investigado, fornecendo, assim, uma análise mais aprimorada tanto do objeto como de seu contexto de produção (Cunha Lacerda, 2016). A esse respeito, Furtado da Cunha e Bispo (2023) argumentam o seguinte:

[...] utilizamos uma análise que conjuga fatores qualitativos e quantitativos, que possam evidenciar tendências. O enfoque qualitativo diz respeito ao caráter descritivo e interpretativo da análise e ao viés indutivo, baseado na observação das amostras coletadas. Já a dimensão quantitativa refere-se à natureza mensurável do material empírico tomado como amostra. Para tanto, quantificamos, em termos absolutos e percentuais, a recorrência dos fatores linguísticos selecionados para a análise (Furtado da Cunha; Bispo, 2023, p. 25).

Dessa maneira, o método misto é aquele que está em consonância com os propósitos investigativos deste trabalho, uma vez que objetivamos avaliar e interpretar as amostras coletadas em que consta o fenômeno investigado – neste caso, os verbos auxiliares *do* e *did* como modalizadores epistêmicos asseverativos – e descrever suas condições e seu contexto de produção a partir de evidências empíricas.

4.1.1. Linguística de *Corpus* e suas contribuições

De acordo com Sardinha (2007), a interseção entre os Estudos da Tradução e a Linguística de *Corpus* tem revelado uma produtividade crescente para tradutores e pesquisadores da área. O autor define a Linguística de *Corpus* como uma abordagem voltada para a "coleta e exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística" (Sardinha, 2000, 2004, p. 325), destacando, assim, a natureza empírica e descritiva dos dados coletados. A partir desse conceito, Sardinha (2002) destaca que a convergência entre as duas áreas pode trazer contribuições substanciais, visto que ambas se preocupam com a fidelidade às intenções comunicativas do texto original e com a sua recepção pelo público-alvo. Nesse sentido, a Linguística de *Corpus* permite aos tradutores e pesquisadores explorar as nuances e sutilezas presentes nos textos originais, contribuindo para uma tradução mais precisa e fiel ao contexto e às intenções comunicativas do autor do original.

Tendo em vista que a Linguística de *Corpus* se preocupa em coletar dados baseados em textos empíricos da língua em questão, pesquisadores e tradutores podem, de maneira produtiva, utilizar *corpora* como instrumentos de pesquisa e de trabalho. O acesso a esses dados ratifica a ideia — por vezes, inconsciente a falantes bilíngues — de que todas as línguas são dotadas de partes pré-fabricadas, as construções. Conforme observado por Tymoczko (1998 *apud* Sardinha, 2002), o uso de *corpora* eletrônicos enriquece as pesquisas em tradução, pois sua ênfase está na descrição da língua, e não em sua prescrição. Entretanto, tal integração foi desenvolvida de maneira prolongada, e as três principais razões para isso acontecer são apontadas por Baker (1999): a) a visão negativa dos linguistas de *corpus* acerca de textos traduzidos, pois eram taxados de não-representativos da língua e, por isso, não eram incluídos em *corpora*; b) a imagem negativa acerca de pesquisadores e atuantes da tradução pela Linguística em geral, pois se acreditava que as pesquisas em tradução apenas partiam da fonte e aplicavam teorias linguísticas, não contemplando aspectos sociais e ideológicos, que estão presentes na atuação tradutológica; c) e, por último, a limitação do acesso à tecnologia, isto é, a bancos de *corpora* e a programas de computador que explorem esses dados. Entretanto, com o

avanço da tecnologia e a expansão de recursos tecnológicos, essa limitação não é mais uma realidade nos dias atuais.

Embora de maneira lenta, a integração entre as duas áreas de pesquisa tornou-se cada vez mais significativa com o passar dos anos, tendo em vista o novo olhar acerca da língua por influência da Linguística de *Corpus*, que possibilita mudanças nos paradigmas da pesquisa linguística (Baker, 1999). Como já previam os autores McEnery e Wilson (1993 *apud* Sardinha, 2002, p. 17), “a presença de corpora nos estudos da tradução, assim como em outras áreas dos estudos linguísticos, parece destinada a se tornar cada vez mais significativa”³¹. Tal integração foi impulsionada, significativamente, pela linguista Mona Baker, que influencia, por meio de suas publicações, pesquisas em tradução utilizando *corpora*, estabelecendo, em seu trabalho de 1993, “os alicerces de exploração de *corpora* para fins tradutológicos” (Sardinha, 2002, p. 25). Em sua obra datada de 1996, a autora destaca o seguinte:

Foi apenas muito recentemente, nos últimos doze meses aproximadamente, que começamos a considerar o uso das técnicas e ferramentas da linguística de *corpus* para estudar a tradução como uma variedade de comportamento linguístico que merece atenção por si só: não para criticar ou avaliar traduções individuais, mas para entender o que realmente acontece no processo de tradução. Esse desenvolvimento reflete uma maior conscientização dentro dos estudos de tradução sobre a natureza distinta da tradução como um evento comunicativo que é moldado por seus próprios objetivos, pressões e contexto de produção (Baker, 1996, p. 176, tradução nossa)³².

Uma contribuição fundamental da Linguística de *Corpus* no campo tradutório se deve ao fato de que, ao utilizar *corpora* linguísticos, as decisões linguísticas realizadas pelo tradutor são validadas, uma vez que, anteriormente, esse tinha somente sua experiência e seu repertório individuais como critérios de escolhas tradutológicas. Nesse contexto, a utilização de dicionários e gramáticas tradicionais não é propriamente representativo da língua em uso. A esse respeito, Sardinha (2003, p. 46) afirma que, a partir da pesquisa de *corpora* eletrônicos, “muito da informação que as gramáticas dizem a respeito do funcionamento das línguas é distorcido,

³¹ C.f.: “[...] the presence of corpora in translation studies, as well as other areas of linguistic study, seems destined to become ever greater.”

³² C.f.: “It is only very recently, in the past twelve months or so, that we have started to consider using the techniques and tools of corpus linguistics to study translation as a variety language behavior that merits attentions in its own right: not in order to criticize or evaluate individual translations but in order to understand what actually happens in the process of translation. This development reflects an increased awareness within translation studies of the distinctive nature of translation as a communicative event which is shaped by its own goals, pressures and context of production.”

incompleto ou mesmo mal-concebido, quando confrontados com a evidência advinda de *corpora*.” A depender do objetivo da pesquisa ou da tradução em si, o tradutor é capaz, juntamente com a metodologia da Linguística de *Corpus*, de coadunar sua intuição linguística, elemento fundamental no processo tradutório, a dados empíricos da língua do texto-alvo.

Ainda no tocante às contribuições da Linguística de *Corpus* para os Estudos da Tradução, Bowker (1999) sinaliza que há uma diferença expressiva entre o conhecimento geral sobre a língua e o conhecimento específico que é preciso para traduzir textos especializados (Sardinha, 2003). De maneira complementar, Tagnin (2002, p. 193) afirma que “a ingenuidade do tradutor se configura numa compreensão composicional do significado e numa falta de consciência do quanto uma língua é constituída dessas partes pré-fabricadas”.

Nesse contexto, os *corpora* monolíngues são considerados fontes indispensáveis para conscientizar-se da padronização de ambas as línguas contempladas na tradução, sendo a padronização entendida como “a materialização do princípio idiomático” (Sardinha, 2003, p. 48). Tendo isso em vista, uma abordagem baseada em *corpus* é fundamental, uma vez que “*corpora* eletrônicos podem oferecer uma quantidade ampla e rica de informação vital para o tradutor, para melhor ajudá-lo na consecução dos trabalhos” (Sardinha, 2003, p. 49).

Dentre as numerosas definições de *corpus*, Sardinha (2000) considera aquela elaborada por Sanchez (1995) como a que melhor descreve o conceito, a saber:

[...] um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (Sanchez, 1995 *apud* Sardinha, 2000).

Com base nessa definição, o autor identifica os elementos essenciais para a formação de um *corpus* computadorizado, os quais incluem: i) a autenticidade dos dados – textos autênticos em linguagem natural produzidos por falantes nativos; ii) a finalidade de servir como objeto de estudo linguístico; iii) a seleção cuidadosa e criteriosa do conteúdo; iv) a legibilidade dos dados em um computador; v) a representatividade de uma língua ou variedade linguística; vi) a extensão abrangente

dos dados. Por ser essencialmente representativo de uma língua, ou variedades linguísticas, um *corpus* deve ser o mais extenso possível a fim de garantir maior precisão de dados.

No âmbito da pesquisa em tradução, cujo objetivo é contrastar os textos da obra original e da obra traduzida, Sardinha (2003) aponta quatro elementos considerados fundamentais nesse processo, a saber: i) o texto-fonte; ii) sua tradução; iii) um *corpus* monolíngue na língua do texto-fonte, e iv) um *corpus* monolíngue na língua do texto-alvo. Dessa maneira, é possível analisar e avaliar, de maneira empírica e minuciosa, se as escolhas tradutórias são apropriadas tanto no contexto da língua alvo, quanto em relação à função das construções presentes do texto original. Além disso, ao incorporar a análise com *corpus*, os pesquisadores são capazes de identificar padrões construcionais recorrentes na língua de partida e na língua de chegada, proporcionando referências significativas sobre as estratégias de tradução utilizadas e os desafios encontrados pelos tradutores. Tal comparação entre os *corpora* monolíngues, ainda, pode revelar diferenças culturais e linguísticas entre os dois idiomas, potencialmente não contempladas pela gramática tradicional, destacando a importância da adaptação cultural em um trabalho tradutório. Assim, a utilização desses quatro elementos em conjunto não apenas enriquece a análise tradutória, mas também contribui para uma compreensão mais profunda da dinâmica interlinguística e intercultural envolvida no processo de tradução.

Para esta pesquisa, o *corpus* utilizado é composto pela obra de Sally Rooney em suas duas versões, o texto original em inglês e sua tradução para o português brasileiro, por Débora Landsberg. Se porventura a pesquisa caminhasse em direção à investigação do estilo de escrita de Rooney, o ideal seria montar um *corpus* compilado de todas as suas obras e textos já publicados a fim de obter uma maior representatividade do estilo da autora. Entretanto, o objetivo deste trabalho é investigar particularmente as partículas *do* e *did* com o valor de modalizador epistêmico asseverativo na obra *Beautiful World, Where Are You* (2021), e sua respectiva tradução para a língua portuguesa.

No contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante LFCU –, a Linguística de *Corpus* também contribui, de forma significativa, no que tange à pesquisa na área, visto que integra a coleta e análise de dados, a fim de investigar o comportamento de determinadas partículas internas de uma língua ou variedade

linguística, seja de maneira sincrônica ou diacrônica. Isso ocorre em razão de seu caráter metodológico misto, já que opera “a partir do tratamento da língua em uso e a partir do equacionamento entre a análise qualitativa e a análise quantitativa” (Cunha Lacerda; Dall’Orto, 2023, p.122). Ambas são substancialmente empíricas, uma vez que lidam com dados reais de discurso, e são baseadas em situações reais de interação e comunicação. A partir disso, a correlação entre as duas abordagens permite uma compreensão profunda e empírica das nuances e variações linguísticas presentes em diferentes contextos intercomunicativos. A integração de métodos qualitativos e quantitativos oferece uma visão mais holística do funcionamento real da língua em uso, de modo a colaborar na identificação de padrões recorrentes e na compreensão das mudanças linguísticas a longo prazo. Por meio dessa perspectiva empírica e baseada em dados reais do uso da língua e da coadunação entre as áreas da Linguística de *Corpus* e LFCU, as análises de cunho linguístico-funcionalista que visam a traçar padrões construcionais da língua, caracterizar o pareamento forma-função em microconstruções ou descrever em que contextos comunicativos emergem certos construtos na língua valem-se das perspectivas quantitativas e qualitativas para embasarem suas investigações linguísticas. Portanto, a aplicação da Linguística de *Corpus*, no contexto da LFCU, não apenas enriquece a compreensão teórica de uma língua, mas também oferece ferramentas práticas para analisar e interpretar fenômenos linguísticos complexos em interações comunicativas.

4.1.2. O *Antconc* e levantamento de dados

Conforme abordado anteriormente, a Linguística de *Corpus*, do ponto de vista metodológico, lança mão de numerosos bancos de *corpora* compilados e disponibilizados de maneira *on-line*. Entretanto, há ainda *softwares* de computador que, a partir do processamento de grandes volumes de textos por meio de ferramentas específicas, contribuem de maneira substancial na pesquisa de *corpus*. Nesta seção, abordaremos as contribuições do *software Antconc* para esta pesquisa no que tange ao levantamento de dados do *corpus* da obra de Sally Rooney nas duas versões, o texto original e sua tradução para o português brasileiro.

Desenvolvido por Laurence Anthony, professor de Linguística da Universidade de Waseda, no Japão, o *AntConc* é uma ferramenta gratuita e de código aberto, o que

o torna acessível para estudantes, pesquisadores e profissionais da área. O software dispõe de uma variedade de ferramentas que permitem aos pesquisadores explorar e analisar padrões linguísticos em textos de maneira eficiente. Dentro do programa, os usuários podem realizar várias operações de análise de texto, como contagem de palavras, concordância de palavras-chave, análise de frequência de palavras e colocações, entre outras. Com essas funcionalidades, os pesquisadores podem identificar padrões linguísticos, examinar o uso de determinadas palavras ou estruturas em diferentes contextos e extrair informações relevantes sobre a linguagem presente nos textos analisados. Para esta investigação, a versão utilizada do *software* foi *AntConc* (3.5.9).

Como afirmam Cunha Lacerda e Dall’Orto (2023, p.125), há duas grandes vantagens na utilização desse software para pesquisas: “a) o tamanho pequeno do arquivo, que permite *download* rápido, não ocupando muito espaço em disco; e b) a utilização sem a necessidade de instalação e licenciamento”. O programa *AntConc* oferece uma interface simples e intuitiva, que facilita o processo de análise mesmo para usuários iniciantes e, além disso, suporta uma ampla gama de formatos de arquivo de texto, o que permite aos usuários trabalhar com diversos tipos de dados de *corpus*. De maneira geral, o *AntConc* é uma ferramenta significativa para análise de *corpora*, oferecendo recursos robustos para explorar e entender a linguagem em contextos variados, sendo amplamente utilizado em pesquisas linguísticas, pesquisas em tradução, análise de discursos, entre outros campos de pesquisa de cunho linguístico.

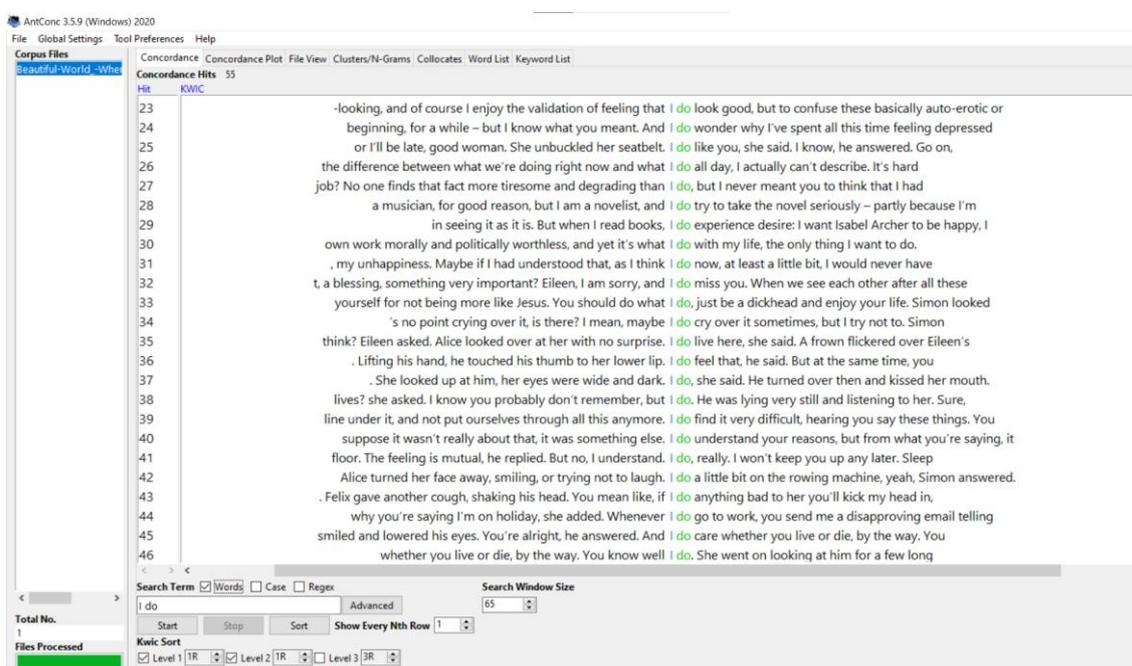
4.2. Procedimentos metodológicos

No que se refere ao percurso analítico, em primeiro lugar, o *corpus* do inglês – *Beautiful World, Where Are You* (2021) – foi convertido para o formato txt. e incorporado ao *software AntConc* (3.5.9), para que, assim, fosse possível processar, dentro do programa, todas as ocorrências presentes na obra original e identificar em quais delas as construções *I do [X]* e *I did [X]* estão presentes no discurso direto dos personagens exercendo a função de modalizadores epistêmicos asseverativos no discurso.

O programa conta com sete ferramentas para o processamento de *corpora*: i) *Concordance*; ii) *Concordance Plot*; iii) *File View*; iv) *Clusters/N-Grams*; v) *Collocates*; vi) *Word List*; e vii) *Keyword List*. Cada uma se propõe a processar elementos diferentes dentro de cada *corpus*. Entretanto, neste trabalho, a ferramenta empregada na investigação do contexto linguístico em que os auxiliares *do* e *did* estavam inseridos na obra original foi, predominantemente, a *Concordance*. A ferramenta desempenha um papel tanto de natureza quantitativa – já que é possível identificar a frequência da construção investigada –, quanto de natureza qualitativa – já que é possível acessar o contexto de uso da construção ao clicar na ocorrência.

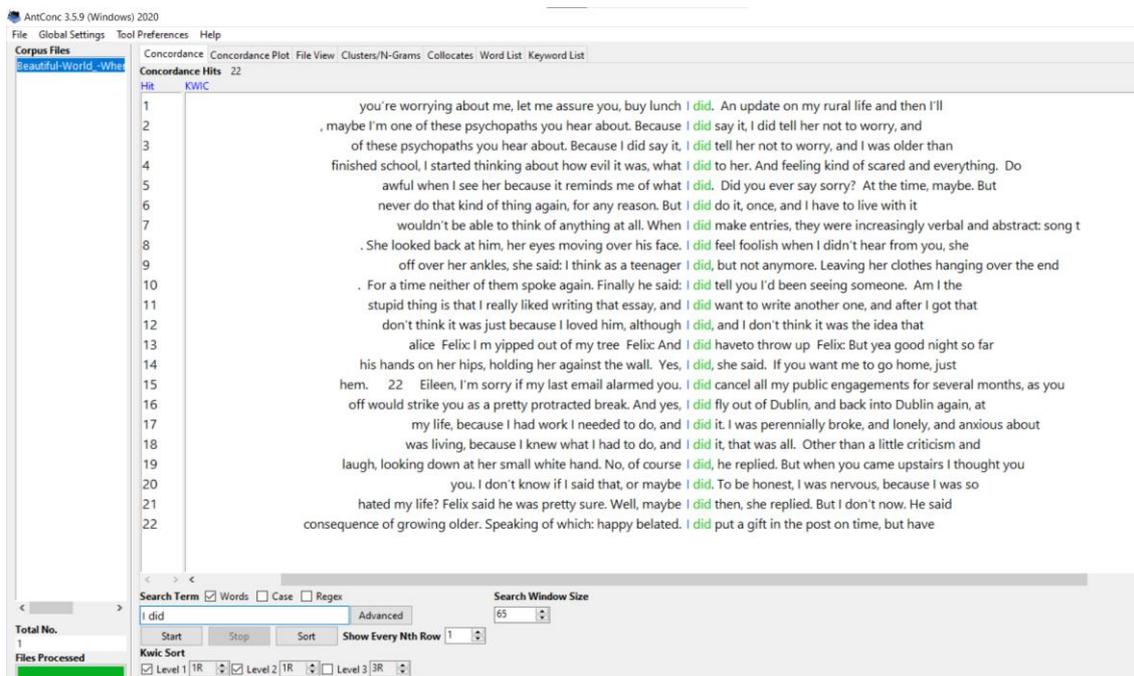
Partindo do objetivo proposto por esta análise, que consiste em identificar as partículas *do* e *did* quando desempenham a função de modalizadores epistêmicos asseverativos no discurso direto, os auxiliares foram buscados com o sujeito “*I*” do inglês precedendo-os na caixa de pesquisa *Search Term*.

Figura 2 - A construção *I do [X]* aplicada na ferramenta *Concordance*



Fonte: imagem retirada do programa *Antconc*

Figura 3 - A construção *I did [X]* aplicada na ferramenta *Concordance*



Fonte: imagem retirada do programa *Antconc*

A partir disso, a pesquisa caminhou em direção à identificação do contexto de produção das ocorrências, a fim de verificar a função de cada uma das construções. Por meio da ferramenta *File View*, a qual apresenta o contexto linguístico de cada uma das ocorrências quando clicadas individualmente, foi possível ter acesso às circunstâncias de produção das falas no texto bruto original e realizar essa verificação.

Após serem analisadas uma a uma – e baseando-se na definição de Neves (2013) sobre modalização epistêmica asseverativa, abordada no Capítulo II –, constatou-se que: i) dentre as 55 ocorrências da construção *I do [X]* em orações declarativas afirmativas, 32 apresentaram a função de modalizadoras epistêmicas asseverativas; ii) dentre as 22 ocorrências da construção *I did [X]* em orações declarativas afirmativas, 11 apresentaram a função de modalizadoras epistêmicas asseverativas. Portanto, ao todo, quando o verbo auxiliar é empregado no discurso direto, aproximadamente 55% das ocorrências exercem a função de modalizadoras epistêmicas asseverativas do discurso.

Após esse processo, as construções correspondentes do texto traduzido foram mapeadas de maneira manual no *corpus Belo Mundo, Onde Você Está* (2021), a fim de identificar as escolhas tradutórias para o português brasileiro e, com base na

Linguística Funcional Centrada no Uso e no princípio de pareamento forma-função, averiguar se o pareamento forma-função de modalização do discurso foi contemplada pela tradutora. Para isso, os excertos escolhidos serão esquematizados em quadros, pareando o texto original e sua respectiva tradução, seguidos de uma análise pontual sobre cada uma das escolhas tradutórias realizadas.

4.3. *Do* e *did*: modalizadores epistêmicos asseverativos em tradução

Nesta seção, apresentamos as 43 ocorrências encontradas na obra *Beautiful World, Where Are You* (2021) e suas respectivas traduções para o português brasileiro no que tange ao emprego dos verbos auxiliares *do* e *did* com função de modalizadores epistêmicos asseverativos no discurso direto por parte dos personagens. Como discutido anteriormente, analisaremos as escolhas tradutórias considerando tanto os aspectos formais quanto funcionais presentes em cada excerto, com o objetivo de determinar se as escolhas adotadas na tradução refletem os propósitos comunicativos do texto original.

4.3.1. Construções com *I do [X]*

Quadro 1 - Representação da ocorrência 1 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(1)	Not right now, no. Or I wouldn't chance it, anyway. But I do have my licence, yeah.	No momento, não. Não me arriscaria, pelo menos. Mas eu tenho carteira, sim.

Fonte: Elaborado pela autora

A primeira ocorrência em que a construção “*I do [X]*” desempenha a função de modalizadora epistêmica asseverativa no original aparece logo na primeira interação entre dois personagens do livro, Felix e Alice. Na cena em questão, que também é a primeira cena do livro, ambos estão em um primeiro encontro amoroso, e Alice, que acaba de se mudar para a cidade e ainda não tem amigos locais, o convida para ir até a sua casa. Logo depois, o personagem pergunta se é possível caminhar até lá, e

Alice responde que sim, dizendo que não sabe dirigir e perguntando se ele sabe. O fragmento em questão é a resposta de Felix.

Quando analisado, é possível observar o caráter subjetivo, nos termos de Nascimento (2009), do enunciado, sobretudo quando o personagem acrescenta a informação de que ele, sim, tinha carteira de motorista. Isso se dá pelo fato de que o locutor julga relevante afirmar ser habilitado, além de saber dirigir, durante a interação comunicativa, e, quando o faz, lança mão de um modalizador epistêmico asseverativo – “*I do have*” – para garantir o valor de verdade dessa afirmação “sem deixar espaço para dúvidas e sem relativização” (Neves, 2013, p. 172). Além disso, faz uso de “*yeah*” no final de seu raciocínio, comprometendo-se, de maneira ainda mais subjetiva, com seu enunciado.

Como visto no Capítulo II, a construção, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), é essencialmente pareamento forma e função, sendo, portanto, necessário ter essa definição em conta ao analisar o texto-alvo. Ao observar a tradução para o português, percebe-se que houve uma condensação da forma do original ao atribuir dois modalizadores asseverativos a um só advérbio: “*Mas tenho carteira, sim*”; ou seja, para cada duas formas e dois significados no original, apenas uma forma foi atribuída a dois significados na tradução. Entretanto, como abordado no Capítulo III, sabe-se que o locutor dispõe de diversos marcadores linguísticos para revelar seu comprometimento com a verdade enunciada e, assim sendo, consideramos essencial que tais escolhas apareçam no material traduzido – dado que a língua portuguesa, assim como todas as línguas naturais, provê a seus falantes variados recursos que demarcam seus discursos, sejam eles gramaticalizados ou não (Nascimento, 2009). Portanto, como sugestão de tradução, formulamos a seguinte construção: “*Mas na verdade eu tenho carteira, sim*”, a fim de contemplar os propósitos formais e funcionais do texto original.

Quadro 2 - Representação da ocorrência 2 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(2)	And Alice, I do feel like a failure , and in a way my life really is nothing, and very few people care what happens in it.	E Alice, eu me sinto um fracasso, sim , e de certo modo minha vida realmente é um nada, e pouquíssimas pessoas ligam para o que acontece nela.

Fonte: Elaborado pela autora

No capítulo quatro da obra, temos acesso ao segundo e-mail trocado entre as protagonistas, Alice e Eileen. Neste caso, vale destacar que todas as correspondências são escritas na primeira pessoa, o que nos permite ter acesso ao discurso interno das personagens. Tempos depois do primeiro e-mail enviado por Alice, no segundo capítulo, Eileen responde à correspondência de sua amiga, divagando sobre diversos assuntos ao longo de sua mensagem. No fragmento em questão, Eileen reflete sobre seu término de relacionamento com Aidan, após vê-lo há dois dias, e conclui que tudo o que aconteceu entre os dois foi apenas um acontecimento, e não uma manifestação inevitável de seu fracasso na vida em geral – como afirma a personagem. Entretanto, depois de tê-lo visto, admite a amiga se sentir, sim, um fracasso – como é possível ver na ocorrência 2.

No texto original, é clara a escolha linguística da personagem ao requisitar o auxiliar “do” do inglês para modalizar seu discurso de maneira epistêmica asseverativa. Ao fazê-lo, ela qualifica, de maneira explícita, seu comprometimento com a verdade do enunciado ao intensificar uma opinião negativa sobre si mesma, considerando que, como visto no Capítulo III, “a modalidade epistêmica se ocupa mais com questões acerca do conhecimento, crença ou opinião do que acerca de fatos” (Lyons, 1997, p. 793, tradução nossa)³³. De acordo com Nascimento (2010), os modalizadores são capazes de guiar o interlocutor a pensar de certa forma ou chegar a alguma conclusão –marcas da intersubjetividade – e, portanto, subjetividade e intersubjetividade no discurso são indissociáveis entre si (Ducrot, 1988).

³³Cf.: “Epistemic modality is concerned with matters of knowledge, belief, or opinion rather than fact” (Lyons, 1997, p. 793).

A fim de manter essa intersubjetividade no diálogo em questão e de contemplar o pareamento forma-função da construção, na tradução para o português, o emprego do advérbio “*sim*” entre vírgulas no final da sentença visa a enfatizar a crença que a personagem tem sobre si mesma e, conseqüentemente, a causar uma impressão intencional no destinatário da mensagem. Atuando como um instrumento argumentativo, a construção permite que o locutor forme “uma relação pessoal com o interlocutor, tornando a comunicação um espaço de envolvimento pessoal-subjetivo” (Adelino; Nascimento, 2019, p. 291). Dessa forma, conclui-se que tanto os aspectos formais quanto os funcionais do texto original foram contemplados no texto traduzido.

Quadro 3 - Representação da ocorrência 3 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(3)	Grinning now, Simon replied: I like it, I do like it. But if I only had one night with a fictional wife, I think I'd like to cover more ground.	Agora sorrindo, Simon respondeu: Eu gosto, gosto mesmo. Mas, se eu só tivesse uma noite com uma esposa fictícia, acho que gostaria de avançar mais.

Fonte: Elaborado pela autora

Nesta cena, que se configura durante o ponto de vista de Eileen, a personagem conversa com Simon – um amigo de adolescência e, ocasionalmente, também um de seus interesses amorosos – durante uma ligação. No contexto da conversa, ambos fingem estar em um relacionamento matrimonial e, de maneira virtual, se relacionam sexualmente. A protagonista afirma a Simon: “*Eu sinceramente pensava que você gostasse de sexo oral*” (Rooney, 2021, p. 72), enquanto ambos discutiam sobre o tema.

Em sua resposta, ocorrência 3, a inserção e o engajamento de Simon em seu discurso acontecem da maneira mais subjetiva possível, já que ele imprime um valor de certeza em relação ao conteúdo anunciado. Para isso, o locutor lança mão do verbo auxiliar “*do*” como um intensificador e modalizador epistêmico asseverativo em relação ao verbo principal “*to like*”, assumindo gostar, com efeito, do ato sexual citado por Eileen.

No texto traduzido, observa-se a escolha da tradutora em recorrer ao advérbio “*mesmo*” para resgatar a forma e a função do original. Em uma seção dedicada a advérbios modalizadores, Neves (2011) postula haver uma ampla classe de elementos adverbiais que marcam a subjetividade e o comprometimento do falante em relação a sua proposição. Neste caso, o advérbio “*mesmo*”, segundo a autora, se enquadra na subclassificação de advérbios modalizadores asseverativos afirmativos, manifestando ao interlocutor a certeza daquilo que foi proferido. Portanto, o emprego do advérbio na colocação do personagem cumpriu os objetivos comunicativos do texto original, uma vez que a forma e a função de modalizador epistêmico asseverativo do discurso foi mantida.

Quadro 4 - Representação da ocorrência 4 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(4)	He believes there’s a difference between right and wrong. I suppose you can’t believe that, if you think it all means nothing in the end. No, I do believe there’s right and wrong, obviously	Ele acredita que existe diferença entre certo e errado. Imagino que você não seja capaz de concordar com isso, se pensa que no fim das contas nada faz sentido. Não, eu acredito que existe certo e errado, óbvio.

Fonte: Elaborado pela autora

Na quarta ocorrência, a interação comunicativa é situada em um restaurante onde os personagens Alice e Felix conversam durante um jantar. Ao dialogarem sobre amizades, Alice menciona sua amizade de longa data com Simon e comenta que o amigo é religioso, e Felix acha um tanto peculiar, pois ele não tem nenhuma crença e, para ele, nada na vida tem algum sentido maior. Durante a discussão, a mulher defende o amigo dizendo que Simon “*acredita que existe diferença entre certo e errado*” (Rooney, 2021, p. 86) e, em seguida, faz um comentário sarcástico acerca das crenças do companheiro de jantar.

Em sua resposta, Felix argumenta dizendo que ele crê, com efeito, que exista certo e errado e, ao fazê-lo, dispõe do verbo auxiliar “do” em sua proposição – além de recorrer ao advérbio modalizador “*obviously*” no final da sentença. É perceptível o interesse do locutor em se posicionar em relação às suas crenças no mais alto grau de subjetividade, uma vez que a atitude do falante e sua intenção comunicativa são indissociáveis entre si. Neste caso, ao asseverar epistemicamente seu ideal, a atitude do personagem é motivada pelo desejo de que “seu interlocutor acredite também que essa informação é verdadeira, ou porque tem uma outra intenção” (Nascimento, 2009, p. 1372).

No texto traduzido, entretanto, os aspectos formais e funcionais do verbo auxiliar presentes no texto original não foram contemplados por nenhuma forma do português. É possível concluir que a tradutora optou pelo apagamento devido ao advérbio no final da sentença, que eleva o grau de engajamento do falante com sua proposição. Entretanto, com base no postulado de que, para cada função, há uma forma, e a fim de cumprir os objetivos e as intenções comunicativas do texto original, sugerimos “*Não, eu acredito **sim** que existe certo e errado, óbvio*” como alternativa tradutória.

Quadro 5 - Representação da ocorrência 5 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(5)	You say that few people care what happens to you, and I don't know if that's true, but I do know that some of us care very, very much – e.g. myself, Simon, your mother.	Você diz que poucos se interessam pelo que acontece com você, e não sei se é verdade, mas sei que alguns ligam muito, muito — por exemplo, eu, o Simon, a sua mãe.

Fonte: Elaborado pela autora

A ocorrência 5 foi retirada de mais uns dos e-mails trocados entre as protagonistas, o qual tem Alice como remetente. O fragmento responde ao questionamento de Eileen, mencionado na ocorrência 2, sobre sua vida ter pouco

significado e a percepção de que ninguém se importa com o que acontece nela. Alice afirma, de maneira enfática, que algumas pessoas ligam muito para o que acontece com a amiga. Para isso, a locutora faz uso da construção “*I do know*” em contraposição à construção anterior “*I don’t know*”. Nesse caso, a personagem aplica marcadores discursivo-argumentativos em sua fala, os quais são obtidos por meio do encadeamento sucessivo de segmentos textuais (Koch, 2003). Para embasar a análise, Costa (2013) apresenta algumas das possíveis relações discursivas. Dentre elas, a *disjunção argumentativa*, a qual se apresenta a partir da disjunção de enunciados com “orientações discursivas diferentes e resultam de dois atos de fala distintos, em que o segundo procura provocar o leitor/ouvinte para levá-lo a modificar sua opinião ou, simplesmente, aceitar a opinião expressa no primeiro” (Costa, 2013, p. 42). Em sua obra, Koch (2003) exemplifica essa relação por meio do uso do advérbio “*mas*” do português, o qual provoca discordância entre dois enunciados, como na ocorrência 5.

Dessa forma, é possível observar que a tradutora considera o uso do verbo auxiliar “*do*” em “*but I do know*” como uma declaração afirmativa do verbo “*to know*” e como uma contraposição à ideia de declaração negativa anterior em “*I don’t know*”, ao traduzir mantendo um paralelismo linguístico – “*e não sei*” e “*mas sei que*”. Entretanto, a tradução não contempla seu caráter modalizador enfático dentro da construção, em que a protagonista se compromete subjetivamente a dizer que ela, de fato, sabe que algumas pessoas se importam com Eileen. Portanto, a fim de contemplar os aspectos funcionais e formais do texto original, sugerimos como tradução: “*mas **sim** sei que alguns ligam muito, muito*”; dessa forma, o paralelismo linguístico também é mantido.

Quadro 6 - Representação da ocorrência 6 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(6)	I make no great claims for myself, it could well be true. And writing this email I do feel a little weak and tender about Simon , and even a little protective, who knows why.	Não tenho muito como me defender, pode realmente ser verdade. E escrevendo este e-mail de fato me sinto meio fraca e carinhosa em relação ao Simon , e até um pouco protetora, sabe-se lá por quê.

Fonte: Elaborado pela autora

Em outro e-mail direcionado a Alice, Eileen escreve sobre alguns sentimentos que está tendo em relação a Simon e sobre como, depois de se relacionar com ele, tenha ficado cheia de fraqueza e carinho por ele. Admitindo o sentimento e escolhendo expressar, de modo subjetivo e intersubjetivo, a verdade contida no conteúdo da oração, a personagem lança mão do marcador discursivo “do” em sua construção como um modalizador epistêmico asseverativo do verbo principal “to feel”, procurando evidenciar, de maneira clara, aquilo que sente pelo personagem.

No texto traduzido, baseando-se no postulado de que toda construção é composta por pareamento forma-função, percebe-se que a tradutora contempla as intenções comunicativas do texto original ao inserir a construção “de fato” como um recurso linguístico que cumpre com o papel asseverativo, mantendo, portanto, o modo como o enunciado em questão deve, de maneira intencional, ser lido pelo interlocutor da mensagem (Adelino; Nascimento, 2019).

Quadro 7 - Representação da ocorrência 7 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(7)	I'm not going to go on and on about how bad I feel about it. But I do feel bad, okay?	Não vou ficar falando que me sinto mal por causa disso. Mas me sinto mal, sim, o.k.?

Fonte: Elaborado pela autora do TCC (2023)

No contexto do fragmento 7, os protagonistas Felix e Alice dialogam sobre as piores coisas que já fizeram na vida. O homem, então, se abre e diz que certa vez levou uma menina para casa após uma festa e descobriu que ela ainda estava no Ensino Médio. Após a confissão, diz a Alice que não sabia e que se sente mal pelo acontecido. Em sua fala, Felix argumenta a favor do seu sentimento de culpa e, como elabora Koch (2000), faz uso do ato de persuadir ao procurar “atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutor(es), por meio de argumentos plausíveis” (Koch, 2000, p. 20); como mecanismo de argumentação e persuasão, emprega o verbo auxiliar “do” como um modalizador epistêmico asseverativo em seu discurso.

No diálogo traduzido, Landsberg, mais uma vez, utiliza o advérbio do português “*sim*” entre vírgulas como um elemento discursivo-argumentativo dentro da construção, evidenciando ao leitor brasileiro o engajamento do personagem com o conteúdo proposicional. Ao fazê-lo, garante que a forma e a função do termo em inglês sejam mantidas na tradução, contemplando o caráter subjetivo e asseverativo do texto.

Quadro 8 - Representação da ocorrência 8 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(8)	I do sometimes imagine you kind of nervous , she said.	Às vezes eu te imagino meio nervoso, sim , ela disse.

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda no contexto dos personagens Alice e Felix, enquanto conversam, o personagem pergunta a ela se, em sua imaginação, o imagina estar nervoso quando estão juntos fisicamente, e ela responde que, às vezes, sim. Quando o faz, lança mão da construção “*I do sometimes imagine you kind of nervous*” para comprometer-se com sua fala, procurando convencer o interlocutor de sua afirmação, já que “o valor de verdade e de certeza construído na troca comunicativa se constitui um forte instrumento argumentativo entre os interlocutores” (Adelino; Nascimento, 2019, p. 291).

No processo tradutório, a tradutora, mais uma vez, emprega o advérbio asseverativo “*sim*” ao final da sentença: “*Às vezes eu te imagino meio nervoso, sim*”, a fim de contemplar as intenções comunicativas da personagem, não deixando lacunas ou espaço para dúvidas em sua afirmação.

Quadro 9 - Representação da ocorrência 9 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(9)	I think we've been having a nice time together – which is me saying that I've had a nice time, and that I never know how he feels. Although our lives have been different in basically every respect, I do feel in a strange way that we've taken different routes to reach similar points, and there's a lot we recognise in one another.	Acho que temos nos divertido juntos — essa sou eu querendo dizer que me diverti e que nunca sei como ele se sente. Embora nossa vida tenha sido diferente em praticamente todos os aspectos, tenho uma impressão esquisita de que tomamos caminhos distintos para chegar a pontos semelhantes, e são muitas as coisas que um reconhece no outro.

Fonte: Elaborado pela autora

No capítulo 14 da obra, Alice escreve um longo e-mail a sua amiga, no qual comenta acerca das últimas novidades que Eileen compartilhou sobre sua vida no e-mail anterior e a atualiza sobre a dinâmica de seu relacionamento com Felix. Sobre o assunto, a personagem postula a favor da relação dos dois e comenta sobre seu sentimento de que, apesar de terem vidas muito diferentes, ambos compartilham diversas semelhanças entre si.

Em seu discurso, o verbo auxiliar “do” é empregado de modo a assegurar esse sentimento e argumentar em defesa dessa relação, mesmo que signifique ir contra as expectativas lógicas. No começo da sentença, “*although*” (“*embora*”) é tido como um dos “operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias” (Koch, 1992, p. 35), e o modalizador epistêmico asseverativo na construção “*I do feel*” ratifica essa impressão contrária da personagem. Ao fazê-lo, é esperado que o interlocutor chegue a determinada conclusão baseada no ideal do locutor, o qual ele defende de maneira epistêmica asseverativa por meio do modalizador linguístico disponível a ele.

Entretanto, no texto traduzido, ao apagar a forma do original, ocorre o apagamento dessa subjetividade intrínseca no discurso da personagem. Tendo isso em vista, sugerimos uma tradução alternativa que visa a contemplar os aspectos formais e funcionais do enunciado original: “*Embora nossa vida tenha sido diferente em praticamente todos os aspectos, **eu realmente** tenho uma impressão esquisita de que tomamos caminhos distintos para chegar a pontos semelhantes [...]*”. A escolha do advérbio é baseada em uma das diferentes funções que “*realmente*” pode desempenhar em uma construção: a de *marcador epistêmico de avaliação subjetiva*, uma vez que indica “a avaliação subjetiva dos falantes acerca da importância da situação envolvida na proposição” (Cunha Lacerda, 2012, p. 177).

Quadro 10 - Representação da ocorrência 10 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(10)	And reading those entries now, I do remember what I felt , or at least what I saw and heard and noticed.	E, lendo esses textos agora, realmente me recordo de como me senti , ou pelo menos do que vi e ouvi, e percebi.

Fonte: Elaborado pela autora

Neste fragmento, Eileen escreve um e-mail para sua amiga Alice, contando sobre seu antigo diário, que ela chamava de "livro da vida". Nele, a personagem relatava todos os dias acontecimentos bons, ou que valiam a pena ser registrados, de seu dia-a-dia em textos curtos. Em seguida, ela recorda o sentimento que tinha ao escrever esses textos e chega à conclusão de que, ao registrar todos os dias algo bom que tinha visto ou ouvido, conseguia sempre absorver a vida simples, e isso a deixava feliz. A personagem, então, compartilha com a amiga a sensação de ler esses excertos anos depois, representada na ocorrência 10. Em sua fala, Eileen aciona o modalizador epistêmico asseverativo “do” no inglês para assegurar e enfatizar a recordação do sentimento proporcionado pelo seu diário.

De maneira correspondente, o advérbio “*realmente*” é acionado na tradução para o português, o qual desempenha o papel de modalizador epistêmico asseverativo na construção. Identificado por Cunha Lacerda (2012), a partir de dados empíricos, como um marcador epistêmico factual na língua portuguesa, o advérbio cumpre com “a função de asseverar que algo pode ser verdadeiro ou falso, tomando como referência o real” (Cunha Lacerda, 2012, p. 177) e, portanto, contempla as intenções comunicativas do texto original.

Quadro 11 - Representação da ocorrência 11 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(11)	I mean, if I go or I don't go. If you hear from me or not. You don't care either way. I should think it's obvious I do care, she said. You're the one saying you don't. But you're not acting like you do.	Se eu vou ou se eu não vou. Se eu dou notícias ou não dou. Você não liga nem em um caso nem no outro. Eu achava que fosse óbvio que ligo, ela respondeu. É você quem está dizendo que não liga. Mas você não está agindo como se ligasse.

Fonte: Elaborado pela autora

Nesta situação comunicativa, Felix, no caminho de volta de seu trabalho, resolve ir até a casa de Alice fazer uma visita. Ambos estão há algum tempo sem se falar, desde uma viagem à Itália que fizeram juntos, e agem de maneira constrangedora, pois não sabem lidar com a situação. O protagonista pergunta se ele deveria ir embora, e Alice responde que, se for da vontade dele, sim. Entretanto, a resposta dela gera uma irritação em Felix, que a acusa de não dar a mínima para o fato de ele ficar ou não. A reação da mulher é apresentada e negrito na ocorrência acima.

Ao defender seu sentimento e seu ponto de vista, a locutora recorre ao marcador epistêmico asseverativo a partir da construção “*I do care*” a fim de enfatizar o valor de verdade de seu afeto pelo interlocutor. Entretanto, os aspectos formais e funcionais do original não foram considerados durante o processo tradutório, visto que a tradutora não recorre a nenhuma forma que contemple a função da construção do diálogo original. Como uma alternativa que contemple esses aspectos, sugerimos a tradução: “*Eu achava que fosse óbvio que eu ligo **sim**, ela respondeu*”, já que o advérbio no português pode exercer a função de modalizador epistêmico asseverativo.

Quadro 12 - Representação da ocorrência 12 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(12)	He laughed to himself. Good question, he said. I don't know, maybe I do want that.	Ele riu sozinho. Boa pergunta, ele declarou. Sei lá, talvez eu queira isso mesmo.

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda no mesmo contexto comunicativo da ocorrência anterior, na fala seguinte, Alice pergunta se, para demonstrar que se importa, deveria cair de joelhos e implorar que ele não vá embora. Em seguida, Felix ri consigo mesmo e declara “*I don't know, maybe I do want that*”, utilizando o modalizador epistêmico asseverativo do inglês “*do*”, antes do verbo “*to want*”, para se comprometer e engajar-se com seu discurso.

Paralelamente, a tradução para o português brasileiro lança mão do advérbio “*mesmo*” ao final da sentença para assegurar que os aspectos linguísticos e discursivos do diálogo original fossem mantidos, já que, segundo Neves (2011), o advérbio se encaixa na classe de modalizadores asseverativos afirmativos.

Quadro 13 - Representação da ocorrência 13 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(13)	He's quite ugly in the painting, but despite this unfortunate fact (and I do mean despite!) something in his eyes reminded me of you.	Ele está bem feio no quadro, mas apesar desse fato lastimável (e é apesar mesmo!) algo nos olhos dele me lembraram você.

Fonte: Elaborado pela autora

Na introdução de seu e-mail para Eileen, Alice declara estar em Paris para receber um prêmio literário. Dito isso, a personagem menciona que, pela manhã,

visitou o Musée d’Orsay e admirou o retrato do escritor francês Marcel Proust, dizendo, porém, que o homem estava feio na pintura. Em seguida, compara os olhos do escritor aos olhos da amiga, apesar do fato dito por ela sobre o retrato. A personagem, então, recorre ao verbo auxiliar “do” como um modalizador epistêmico de seu ponto de vista, ao colocá-lo antes de “to mean” – o qual pode representar a expressão de uma ideia, pensamento ou fato, podendo ser usado para enfatizar algo dentro de uma construção, de acordo com o *Cambridge Dictionary*³⁴. Percebe-se, portanto, a intencionalidade da personagem e o seu interesse em defender seu ponto de vista ao elogiar a interlocutora da mensagem, evidenciando a intersubjetividade da sua expressão.

Visto o caráter expressivo e intersubjetivo de sua fala, ao usar a construção “/ do mean”, a qual contém duas unidades linguísticas que denotam ênfase, é relevante que as mesmas intenções comunicativas do texto original estejam presentes na tradução. Nesse caso, observa-se o emprego do advérbio “mesmo” ao final da sentença para contemplar tanto os aspectos formais quanto os funcionais da construção original – visto que ele se enquadra na categoria de advérbios asseverativos do português (Neves, 2011).

Quadro 14 - Representação da ocorrência 14 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(14)	But, Eileen, I do love him, and I can’t even pretend that it’s only the same love I feel for Prince Myshkin, or for Charles Swann, or for Isabel Archer.	Mas, Eileen, eu o amo de verdade, e não consigo nem fingir que é apenas o amor que sinto pelo príncipe Míchkin, por Charles Swann ou por Isabel Archer.

Fonte: Elaborado pela autora

No mesmo e-mail da ocorrência anterior, Alice conta que, ao retornar para o hotel pela manhã, encontrou pelo caminho uma igreja vazia, na qual ficou por vinte minutos contemplando o ambiente e refletindo sobre a sacralidade do lugar. Sendo a

³⁴Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/mean> Acesso em: 04 jun. 2024

religião um assunto recorrente entre as duas personagens, Alice revela seu interesse pelo cristianismo e pela figura de Jesus, expondo sua admiração por ele e sua comoção ao pensar na maneira como ele viveu. A locutora compara o sentimento que tem em relação a Jesus ao sentimento que tem em relação a personagens ficcionais amados por ela e, em seguida, afirma amá-lo de verdade. Com o objetivo de ser subjetiva e expressar comprometimento sobre o conteúdo proposicional, a autora do e-mail lança mão da construção “*I do love him*” com o verbo auxiliar “*do*” exercendo a função de modalizador epistêmico asseverativo do seu discurso.

No texto traduzido, de maneira correspondente, os aspectos formais e funcionais do enunciado original são contemplados ao ser empregada a locução adverbial do português “*de verdade*” ao final da sentença. Ao ser utilizada, o caráter de verdade da proposição é revelado de maneira explícita pelo locutor, não deixando rastro de dúvidas ou incertezas por parte do autor da mensagem.

Quadro 15 - Representação da ocorrência 15 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(15)	Of course I wish that I personally were better looking, and of course I enjoy the validation of feeling that I do look good , but to confuse these basically auto-erotic or status-driven impulses with real aesthetic experience seems to me an extremely serious mistake for anyone who cares about culture.	Claro que eu mesma gostaria de ser mais bonita, e claro que curto a validação de sentir que estou bonita , mas confundir esses impulsos essencialmente autoeróticos ou norteados pelo status com a verdadeira experiência estética me parece um erro extremamente sério para quem liga para a cultura.

Fonte: Elaborado pela autora

Debatendo sobre o conceito da beleza, como resposta ao assunto trazido por Alice em seu último e-mail, Eileen discorre a respeito do seu interesse na experiência

da beleza e, em seguida, faz críticas à indústria da moda e de cosméticos, pois alega que seu principal objetivo é gerar um consumo excessivo de produtos e, assim, gerar mais lucro. Ao enfatizar seu ponto, entretanto, a locutora admite que gostaria de ser mais bonita e que gosta da validação de se sentir assim; para isso, lança mão do verbo auxiliar “do” para enfatizar o fato de querer se sentir realmente bonita.

A construção “[...] *I enjoy the validation of feeling that a **I do look good***” implica a ideia de que a locutora assume o sentimento de que é bonita, mas que a validação dessa ideia faz com que ela se sinta de fato bonita, não baseada em uma impressão própria a respeito de si mesma, mas baseada na impressão das pessoas em geral sobre sua aparência. Tal escolha linguística para se expressar revela o caráter subjetivo e intersubjetivo de seu discurso, o qual deve ser mantido quando traduzido para o português brasileiro. Consideramos que, caso retirado, a intenção comunicativa subjacente ao discurso é perdida, e o sentido da mensagem é modificado tanto para o interlocutor quanto para o leitor da obra.

Nesse caso, como é possível observar no fragmento destacado em negrito do texto em português, a tradutora não contempla os aspectos formais e funcionais do discurso original, não adotando nenhum correspondente linguístico que cumpra as intenções comunicativas da personagem da obra original. Como sugestão tradutória, propomos “[...] *e claro que curto a validação de sentir que **de fato** estou bonita*”, empregando a locução adverbial “de fato” do português, uma vez que ela se enquadra no conceito apresentado por Neves (2011) de advérbios modalizadores epistêmicos, os quais asseveram e marcam a adesão do falante em relação à sua proposição.

Quadro 16 - Representação da ocorrência 16 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(16)	That's not exactly true – we were in the beginning, for a while – but I know what you meant. And I do wonder why I've spent all this time feeling depressed about the end of something that wasn't working anyway.	Não é verdade — fomos no começo, durante um tempo —, mas entendo o que quis dizer. E me pergunto, sim, por que passei esse tempo todo deprimida pelo fim de algo que não estava dando certo.

Fonte: Elaborado pela autora

Neste fragmento, Eileen lembra que, em um dos e-mails antigos que Alice lhe enviou, a amiga menciona que nunca foi verdadeiramente feliz com seu ex-namorado, Aidan. A personagem responde que, no começo, eles eram felizes e reflete sobre o tempo que passou deprimida por alguém com quem não tinha nenhum futuro. Na construção que expressa seu raciocínio, marcada em negrito, o verbo auxiliar “do” é classificado como um marcador epistêmico asseverativo do discurso, uma vez que, ao ser empregado, exclui qualquer possibilidade de dúvidas que o interlocutor venha a ter a respeito do conteúdo proposicional, deixando pistas linguísticas de como o discurso deve ser lido pelo interlocutor.

No material traduzido, tomando como fundamento que, para cada forma há uma função, a tradutora cumpre as intenções intrínsecas do texto original ao empregar o advérbio “sim” entre vírgulas após o verbo principal: “E me pergunto, **sim**, por que passei esse tempo todo deprimida pelo fim de algo que não estava dando certo”, o qual também desempenha a função de modalizador epistêmico asseverativo do discurso.

Quadro 17 - Representação da ocorrência 17 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(17)	Hop out now or I'll be late, good woman. She unbuckled her seatbelt. I do like you, she said. I know, he answered. Go on, get out.	Agora desce senão eu vou me atrasar, boa moça. Ela desafivelou o cinto de segurança. Eu gosto mesmo de você, ela disse. Eu sei, ele respondeu. Vai, desce.

Fonte: Elaborado pela autora

No decorrer do capítulo 21 da obra, há uma cena em que Felix, a caminho de seu trabalho, dá uma carona a Alice até a sua casa. Dentro do carro, ambos conversam sobre seu relacionamento e sobre qual tipo de relação amorosa seus amigos e as pessoas da cidade acham que eles têm. O rapaz desconfia que talvez alguém estranhe que ambos estão juntos, pois não é considerado um bom partido e uma pessoa com um caráter confiável; mas afirma que, se caso Alice gostasse dele, ela teria que lidar com isso. Após esse raciocínio, a mulher chega ao seu destino e afirma que, sim, gosta do rapaz, como pode ser observado no fragmento destacado acima.

Para garantir o valor de verdade de sua afirmação, de forma a se comprometer com aquilo que está sendo dito acerca do interlocutor, a personagem recorre ao verbo auxiliar do inglês “do” e coloca-o antes do verbo principal “to like” a fim de cumprir a função de modalizador epistêmico asseverativo da oração. No material traduzido, de maneira correspondente, a função e a forma modalizadora são mantidas no português brasileiro ao ser empregado o advérbio “mesmo” após o verbo “gostar”, o qual se enquadra na categoria de advérbios asseverativos que denotam uma crença ou certeza do falante (Neves, 2011, p. 246).

Quadro 18 - Representação da ocorrência 18 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(18)	Eileen, I am sorry, and I do miss you.	Eileen, me desculpe, e tenho saudades de você, sim.

Fonte: Elaborado pela autora

Em mais um e-mail direcionado a Eileen, Alice afirma, com ênfase, que sente falta da amiga, já que, no último e-mail que recebeu, Eileen questiona o fato de a escritora estar em Dublin antes de viajar a Paris e não ter ido visitar seus amigos. Como uma forma de negar sua indiferença e assegurar a saudade que sente da amiga, a locutora utiliza o verbo auxiliar “do” como um modalizador epistêmico asseverativo do seu discurso, o que também evidencia o caráter discursivo-argumentativo de sua mensagem, já que “a marcação de um maior engajamento do locutor com o enunciado se configura recurso argumentativo” (Adelino; Nascimento, 2019, p. 291).

Diante do alto grau de intersubjetividade da mensagem, faz-se essencial que a forma e a função que contemplam esse caráter sejam mantidas no texto traduzido. No caso da tradução oficial, ambos os elementos linguísticos foram contemplados por meio do emprego do advérbio de afirmação “sim” ao final da sentença, desempenhando a função de modalizador epistêmico asseverativo da mensagem.

Quadro 19 - Representação da ocorrência 19 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(19)	I'm not a painter or a musician, for good reason, but I am a novelist, and I do try to take the novel seriously – partly because I'm conscious of the extraordinary privilege of being allowed to make a living from something as definitionally useless as art.	Não sou pintora ou musicista, por boas razões, mas sou romancista, e tento levar o romance a sério — em certa medida porque tenho consciência do privilégio extraordinário de poder ganhar a vida com algo que por definição é tão inútil quanto a arte.

Fonte: Elaborado pela autora

Com base no mesmo tema abordado no e-mail da ocorrência 15 sobre o conceito de beleza, Alice elabora sua análise e compartilha seus pensamentos a respeito do assunto em um novo e-mail endereçado a Eileen. A autora questiona a ideia da amiga de que a beleza, além de ser uma experiência estética e prazerosa, também pode ter algum grau de importância. Após levantar a pergunta “[...] *importante em que sentido?*” (Rooney, 2021, p. 228), a locutora manifesta a sua perspectiva como romancista no trecho destacado na ocorrência acima. Ao fazê-lo, emprega a construção “[...] *and I do try to take the novel seriously*” e utiliza o modalizador epistêmico asseverativo “do” antes do verbo principal a fim de comprometer-se como conteúdo proposicional.

No fragmento traduzido, entretanto, tal comprometimento com seu discurso não foi contemplado formal e funcionalmente, e o caráter intersubjetivo de sua fala foi desconsiderado, tendo em vista que, “ao lançar mão de modalizadores asseverativos, o falante objetiva expressar uma alta adesão ao conteúdo da proposição, ao mesmo tempo em que acentua a subjetividade no/do discurso” (Adelino; Nascimento, 2019, p. 291). Dessa forma, propomos a seguinte tradução da construção para o português brasileiro: “[...] *mas sou romancista, e realmente tento levar o romance a sério*”, tendo em conta que o advérbio “*realmente*” pode desempenhar a função de modalizador epistêmico asseverativo do discurso (Neves, 2011).

Quadro 20 - Representação da ocorrência 20 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(20)	The pleasure is in seeing it as it is. But when I read books, I do experience desire: I want Isabel Archer to be happy, I want things to work out for Anna and Vronsky, I even want Jesus to be pardoned instead of Barabbas.	O prazer está em vê-lo como ele é. Mas quando leio livros, experimento o desejo: quero que Isabel Archer seja feliz, quero que as coisas deem certo para Anna e Vrónski, chego a querer que Jesus seja perdoado em vez de Barrabás.

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda no contexto da ocorrência anterior, neste fragmento, Alice expõe sua ideia de que a percepção de beleza existente em uma leitura é resultado de um processo ativo e não passivo, ou seja, ela é fruto de um esforço construído durante a leitura. Após essa declaração, diz que, quando aprecia uma pintura, não deseja nada dela a não ser enxergá-la como a obra é em sua forma. Mas diz que, quando lê grandes romances, experimenta o desejo dentro de cada narrativa, como é dito no excerto acima.

Ao dizê-lo, a protagonista lança mão da construção “*But when I read books, I do experience desire*”, utilizando o verbo auxiliar do inglês com a função de modalizador epistêmico asseverativo. É possível notar um contraste de ideias ao longo do discurso da personagem, já que, primeiramente, diz que não experimenta o desejo ao admirar uma pintura, mas que experimenta ao ler literatura. A tal oposição de ideias, Koch e Elias (2016) nomeiam de *contrajunção*, um articulador discursivo-argumentativo que, geralmente introduzido pelo advérbio adversativo “*mas*”, é caracterizado pela contraposição de enunciados com orientações argumentativas distintas.

Com base nisso, a locutora procura reforçar aquilo que foi dito em seu segundo enunciado de maneira epistêmica asseverativa, como visto no texto original. Entretanto, no material traduzido, a função desempenhada pelo modalizador do inglês “*do*” não foi contemplada por nenhum marcador linguístico do português. Como

sugestão tradutória, visando a considerar os aspectos formais e funcionais da construção original, propomos: “*Mas quando leio livros, eu **de fato experimento o desejo***”.

Quadro 21 - Representação da ocorrência 21 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(21)	I've definitely done a lot of stuff I shouldn't have done. But there's no point crying over it, is there? I mean, maybe I do cry over it sometimes, but I try not to.	Eu sem dúvida fiz muita coisa que não deveria ter feito. Mas não faz sentido ficar chorando por isso, né? Quer dizer, talvez eu chore de vez em quando, mas tento não chorar.

Fonte: Elaborado pela autora

No contexto do diálogo acima, os quatro jovens – Alice, Eileen, Felix e Simon – estão todos reunidos e vão à praia pela manhã. Nesse momento em específico, Simon e Felix estão na água conversando sobre diversos assuntos quando a discussão se volta para a temática de religião e moral entre os dois. O primeiro conta que havia cogitado entrar para o sacerdócio, mas admite que não queria ficar sozinho, e o segundo menciona que talvez o amigo devesse, assim com ele, “ser um idiota e curtir a vida”, em suas palavras. Simon responde que não acredita que o amigo seja um idiota e que fica feliz por ele estar curtindo a vida. A reflexão seguinte de Felix está no excerto acima.

Ao admitir que, em certos momentos, lamenta ter feito algumas coisas na vida que não deveria ter feito, o personagem utiliza o verbo auxiliar “do” em sua construção “[...] **maybe I do cry over it sometimes**” como um modalizador epistêmico asseverativo, dado que o falante se preocupa em comunicar um certo sentimento de arrependimento ao seu interlocutor e, por isso, é intencional em se inserir no discurso de maneira comprometida por meio do modalizador.

Vale ressaltar que, neste caso em questão, quando considerado o advérbio do inglês “*maybe*”, trata-se de uma modalização epistêmica quase-asseverativa,

contemplada brevemente no Capítulo III deste trabalho. Portanto, simultaneamente, o falante assegura sua fala de maneira incerta, a princípio, e logo depois lança mão de um modalizador epistêmico asseverativo em “*I do cry over it [...]*” por meio do verbo auxiliar “*do*” do inglês. Dessa forma, visando a manter a forma e função do original e, até mesmo, a contraposição de engajamento no discurso, propomos a seguinte alternativa tradutória: “[...] talvez **eu chore sim de vez em quando**, mas tento não chorar”, visto que a tradução original não contempla tais aspectos linguísticos.

Quadro 22 – Representação da ocorrência 22 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(22)	Alice rested the back of her hand against her forehead. Could you really live here, do you think? Eileen asked. Alice looked over at her with no surprise. I do live here, she said.	Alice pousou as costas da mão contra a testa. Você acha que conseguiria mesmo viver aqui?, Eileen questionou. Alice olhou para ela sem surpresa. Eu moro aqui, ela respondeu.

Fonte: Elaborado pela autora

No mesmo cenário da ocorrência anterior, enquanto os rapazes conversam, as amigas Alice e Eileen estão na areia discutindo a relação amorosa entre Eileen e Simon. Após dialogarem sobre o assunto, ocorre uma breve pausa na interação, até que a jovem questiona Alice sobre morar naquela cidade, como discorrido no fragmento em questão.

Ao fazer sua pergunta, a mulher é intersubjetivamente incisiva em seu discurso, no qual lança mão de um outro modalizador epistêmico asseverativo do inglês, “*really*”, que incide sobre o verbo principal “*to live*”. Como resposta, recebe de sua interlocutora uma proposição intersubjetiva, “*I do live here*”, na qual emprega o modalizador epistêmico asseverativo “*do*”, que também incide sobre o verbo “*to live*”. Ou seja, ambas buscam enfatizar o conteúdo proposicional de suas orações por meio de modalizadores linguísticos disponíveis que cumprissem a intenção comunicativa e

subjetiva de suas falas. No caso da resposta de Alice, essa subjetividade foi materializada por meio do verbo auxiliar do inglês “do”, objeto deste trabalho.

Antes de considerar o material traduzido, é importante delinear os aspectos de *realis* e *irrealis* presentes no diálogo entre as duas personagens. Como afirma Palmer (2001), a modalidade *realis* diz respeito a situações atualizadas, que estão ocorrendo no momento ou que ou já ocorreram; a modalidade *irrealis* diz respeito a situações que provém da imaginação ou do campo do pensamento. Ainda sobre o contraste entre as duas modalidades, o autor defende que elas “podem ser explicadas quanto à noção de “asserção” e “não-asserção” (Palmer, 2001, p. 3, tradução nossa)³⁵, sendo a primeira relacionada à *realis*, e a segunda relacionada à *irrealis*.

Entretanto, nota-se que as especificidades formais e funcionais que constam na construção em inglês não foram consideradas no material traduzido. Sendo assim, a fim de cumprir esses objetivos, propomos a seguinte tradução: “**Eu já moro aqui**”, empregando o advérbio “já” do português antes do verbo principal. Tal escolha é baseada na noção apresentada anteriormente de *realis* e *irrealis*, uma vez que, quando Eileen considera o fato como *irrealis* — “*Você acha que conseguiria mesmo viver aqui?*” —, a locutora recorre a um modalizador que assegure a condição de já morar naquele lugar, o *realis*.

Quadro 23 - Representação da ocorrência 23 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(23)	Lifting his hand, he touched his thumb to her lower lip. I do feel that, he said. But at the same time, you have to want it.	Levantando a mão, ele encostou o polegar no lábio inferior dela. Eu sinto isso mesmo, ele disse. Mas, ao mesmo tempo, você tem que querer.

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda no capítulo 26 da obra, porém em outro contexto comunicativo, Simon vai ao quarto de Eileen e conta a ela o motivo pelo qual terminou com sua antiga

³⁵ C.f.: “[...] can be accounted for in terms of ‘assertion’ and ‘non-assertion’” (Palmer, 2001, p.3)

namorada, Caroline. Ao deixar claros seus sentimentos por Eileen, a moça admite que, por vezes, quando ficam juntos fisicamente, tem a intenção de se sentir melhor. O rapaz admite, também, ter sentimentos parecidos, os quais Eileen considera como lisonjeador em virtude de alguém se interessar por ela dessa forma. Em seguida, Simon responde com o fragmento acima, no qual lança mão da construção **“I do feel that”**, recorrendo ao modalizador epistêmico asseverativo do inglês **“do”** para comprometer-se com sua fala e com seus sentimentos.

Tendo em vista a alta adesão do falante com seu conteúdo proposicional, no material traduzido, a tradutora contempla os aspectos formais e funcionais do enunciado original ao formular: **“Eu sinto isso mesmo”**, aplicando o advérbio do português ao final da sentença para asseverar epistemicamente o conteúdo proferido pelo locutor. Advérbio esse que se enquadra na subclassificação de Neves (2011) de advérbios modalizadores asseverativos afirmativos, como visto em ocorrências anteriores.

Quadro 24 - Representação da ocorrência 24 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(24)	Maybe you're right, it's better to draw a line under it, and not put ourselves through all this anymore. I do find it very difficult, hearing you say these things.	Pode ser que você tenha razão, é melhor fixar um limite e a gente não se colocar mais nessa situação toda. Eu acho muito difícil ouvir você falar essas coisas.

Fonte: Elaborado pela autora

No capítulo 26 da obra, ainda durante a interação entre Simon e Eileen, a mulher reflete sobre a relação amorosa dos dois e diz que valoriza muito a amizade do rapaz para perder, caso terminassem. Simon pensa por alguns instantes, e sua resposta é o excerto em questão. Mesmo após reconhecer as razões de Eileen para não investirem em um relacionamento, o personagem demonstra um certo descontentamento com o seu interlocutor ao usar a construção **“I do find it very difficult, hearing you say these things”**, na qual lança mão do modalizador **“do”** para

asseverar epistemicamente seu discurso. Devido ao caráter intersubjetivo de sua fala, por meio da qual o personagem busca evidenciar ao seu interlocutor uma determinada mensagem, faz-se essencial que as marcas de intersubjetividade sejam contempladas no texto traduzido.

Entretanto, nota-se que nenhum marcador linguístico foi utilizado na construção traduzida para asseverar epistemicamente o discurso da personagem. Por isso, propomos a seguinte alternativa tradutória que contempla tais intenções linguísticas presentes no original: *“Eu de verdade acho muito difícil ouvir você falar essas coisas”*. Dessa forma, o locutor dispõe de um modalizador “para valorizar a própria fala e também para asseverar a disposição do falante em sustentar o conteúdo da proposição” (Adelino; Nascimento, 2019, p. 291).

Quadro 25 - Representação da ocorrência 25 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(25)	I do understand your reasons , but from what you’re saying, it sounds like you don’t actually want to be with me.	Eu entendo suas razões , mas, pelo que você está falando, parece que você não quer ficar comigo de verdade.

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda no mesmo contexto comunicativo da ocorrência anterior, Simon continua a evidenciar suas opiniões e seus pensamentos a respeito da decisão de Eileen em não investirem em um relacionamento sério, justificando não querer perder uma amizade tão importante para ela. Nesse cenário, o personagem recorre à construção *“I do understand your reasons [...]”* e aplica um modalizador epistêmico asseverativo do discurso, o verbo auxiliar “do”. Ao fazê-lo, o locutor garante ao seu interlocutor seu comprometimento com a verdade de seu conteúdo proposicional.

No conteúdo traduzido, entretanto, o modalizador que revela o engajamento do falante e evidencia o caráter intersubjetivo de sua mensagem não foi contemplado por nenhuma forma do português brasileiro. Portanto, e visto que o falante dispõe de diversos recursos linguísticos para demarcar seu discurso (Nascimento, 2009),

apresentamos a seguinte sugestão tradutória a fim de que os aspectos formais e funcionais do diálogo original sejam contemplados: “*Eu realmente entendo suas razões [...]*”, considerado por Neves (2011) como um advérbio modalizador epistêmico asseverativo do discurso.

Quadro 26 - Representação da ocorrência 26 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(26)	I don't know why you're saying I'm on holiday, she added. Whenever I do go to work , you send me a disapproving email telling me I should be at home.	Não sei por que você está falando que eu estou de férias, ela complementou. Sempre que vou trabalhar , você manda um e-mail me censurando, dizendo que eu deveria estar em casa.

Fonte: Elaborado pela autora

No capítulo 28 do livro, Alice havia comentado com os amigos sobre comprar a atual casa em que estava morando, e Eileen, que pensava que a amiga se mudara apenas por um período de férias, não aceita muito bem a ideia, questionando, de forma irônica, a decisão da mudança. Alice, igualmente sarcástica, defende sua opinião sobre o fato no excerto acima. Ao questionar o pensamento contraditório de Eileen, que ora indica que a amiga deve trabalhar, ora que ela deve estar de férias, lança mão da construção “*Whenever I do go to work [...]*” para elaborar seu ponto de vista, utilizando o modalizador epistêmico asseverativo “*do*” do inglês.

De modo divergente, o texto traduzido não corresponde a tais intenções comunicativas da locutora, que procura refutar tal argumento ao asseverar o fato de que, quando vai trabalhar, a interlocutora censura tal decisão. Nesse caso, não houve nenhuma forma do português que contemplasse a função contida no original e, por isso, sugerimos a seguinte tradução: “*Sempre que vou de fato trabalhar [...]*”. Dessa forma, é possível concretizar a intersubjetividade da construção original por meio de um modalizador epistêmico asseverativo do português.

Quadro 27 - Representação da ocorrência 27 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(27)	I'm sorry. Faintly he smiled and lowered his eyes. You're alright, he answered. And I do care whether you live or die, by the way. You know well I do.	Desculpa. Ele deu um sorriso fraco e baixou os olhos. Está tudo bem, ele respondeu. E eu ligo, sim, se você está viva ou morta, aliás. Você sabe muito bem que eu ligo.

Fonte: Elaborado pela autora

Após o desentendimento entre Alice e Eileen, ainda no capítulo 28, Alice está na cozinha com Felix, onde ocorreu a discussão. Tomada pela raiva, ela acaba quebrando uma taça de vinho, e Felix a adverte para que não faça nada que possa machucá-la. Após esse acontecimento, Alice acusa o parceiro de não dar a devida atenção caso ela esteja viva ou não, fala essa que ele repara no fragmento acima, ao dizer que: “*And I do care whether you live or die, by the way*”, empregando o verbo auxiliar “do” antes do verbo principal “to care” como um modalizador epistêmico asseverativo de seu discurso.

De maneira correspondente, a tradução para o português conta com a forma “sim” para desempenhar a função do original e cumprir as intenções comunicativas do locutor em: “*E eu ligo, sim, se você está viva ou morta, aliás*”, mantendo, assim, a intersubjetividade do conteúdo proferido.

Quadro 28 - Representação da ocorrência 28 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(28)	It's not that I never want anything for myself. There are obviously some things I do want, very much. He broke off, shaking his head.	Não é que eu nunca queira nada de ninguém. É óbvio que tem coisas que eu quero, e muito. Ele se calou, balançou a cabeça negativamente.

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda no mesmo capítulo, a cena se desloca para o outro casal, Eileen e Simon. Após ser reconfortada por Simon em razão da briga com a amiga, Eileen questiona por que ele nunca se permite ser consolado, parecendo evitar qualquer demonstração de afeto ou apoio. A resposta reflexiva de Simon está no excerto acima. Em seu enunciado, o personagem defende sua postura ao asseverar que há, sim, algumas coisas que ele deseja e espera das pessoas. Ao dizer: *“There are obviously some things I do want, very much”*, ele busca inserir-se no discurso da maneira mais expressiva e subjetiva possível e, para isso, utiliza o verbo auxiliar *“do”* como um modalizador epistêmico asseverativo.

Entretanto, como é possível observar na tradução para o português, a subjetividade e a modalização determinadas no enunciado do personagem não são contempladas formal e funcionalmente por nenhum marcador disponível na língua portuguesa. Dessa forma, a fim de cumprir tais objetivos expressos no texto original, propomos a seguinte tradução: *“É óbvio que tem coisas que eu quero sim, e muito”*, empregando o advérbio *“sim”* como modalizador epistêmico asseverativo.

Quadro 29 - Representação da ocorrência 29 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(29)	Ah, I'm not expressing myself well, he said. Her eyes moved over his face. But Simon, she said, you don't really let me get near you. Do you know what I mean? And whenever I do get near, you just push me away.	Ai, não estou me expressando bem, ele disse. Os olhos dela percorrem seu rosto. Mas, Simon, ela explicou, você não me deixa chegar perto de você. Entende o que eu estou falando? E, sempre que eu consigo, você me afasta.

Fonte: Elaborado pela autora

Inserido no mesmo diálogo da ocorrência anterior, este excerto contém o diálogo que se passa em seguida entre os personagens Simon e Eileen. Após o rapaz ser questionado e depois tentar expressar seus sentimentos em relação ao fato, visto no fragmento anterior, Eileen retoma sua fala e responsabiliza Simon por não permitir que ela se aproxime dele para que, assim, consiga compreender quais são suas intenções. Quando o faz, utiliza a construção “*And whenever I do get near, you push me away*” e lança mão do modalizador epistêmico asseverativo do inglês “*do*”, tornando seu discurso mais expressivo e intersubjetivo.

No que tange à tradução da construção acima, embora a mensagem principal tenha sido veiculada, a intersubjetividade e expressividade do falante, ao modalizar sua fala de maneira epistêmica e asseverativa, não foi contemplada por nenhum marcador gramatical do português. Tendo isso em vista, e a fim de cumprir as intenções comunicativa do locutor da mensagem, propomos a seguinte construção: “*E, sempre que de fato consigo, você me afasta*”, adicionando à tradução oficial o modalizador “*de fato*” do português antes do verbo principal.

Quadro 30 - Representação da ocorrência 30 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(30)	And I've needed you more. I do need you more, a lot more, than you need me.	E eu precisava mais de você. Eu preciso mais de você, muito mais, do que você precisa de mim.

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda no mesmo diálogo dos dois excertos anteriores, neste contexto, Simon afirma a Eileen que, em todo o tempo que estiveram juntos, tudo o que ele fazia era para estar perto dela. Após essa declaração, usa a construção: “***I do need you more, a lot more, than you need me***” para expressar seus sentimentos de maneira epistêmica asseverativa, já que modaliza seu discurso com o “*do*” do inglês antes do verbo “*to need*”.

Entretanto, a tradução não contempla os atributos formais e funcionais da construção modalizada acima. A fim de cumprir a intencionalidade discursiva subjacente ao falante, elaboramos a seguinte alternativa tradutória: “***Eu realmente preciso mais de você, muito mais, do que você precisa de mim***”, considerando o caráter modalizador epistêmico asseverativo do advérbio “*realmente*” do português, como observa Cunha Lacerda (2012).

Quadro 31 - Representação da ocorrência 31 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(31)	I have talked with Simon about this, and he says feeling tired after dinner is probably normal in your thirties and nothing to worry about, and that ‘all women’ have crying spells, and although I know that’s not true, I do find his paternalistic beliefs about women charming.	Conversei com o Simon sobre isso, e ele disse que sentir cansaço depois do jantar deve ser normal na faixa dos trinta e não é motivo de preocupação, e que “toda mulher” tem acessos de choro, e, embora eu saiba que não é verdade, acho suas crenças paternalistas a respeito das mulheres encantadoras.

Fonte: Elaborado pela autora

No capítulo final da obra, temos acesso ao último e-mail escrito por Eileen para Alice, cerca de dezoito meses após o encontro pessoal dos quatro amigos. A mulher começa sua mensagem agradecendo pelo presente de aniversário enviado pela amiga e, logo após, anuncia sua gravidez à interlocutora. Consecutivamente, discorre sobre o processo da descoberta da gestação, sobre a reação de Simon e questiona a Alice se acreditava que ela seria uma boa mãe. Ao relatar suas crises em relação a ser mãe, Eileen fala sobre como o parceiro lida com elas no excerto acima. Logo depois, lança mão da construção “[...] ***I do find his paternalistic beliefs about women charming***”, na qual assevera epistemicamente sua opinião por meio do modalizador do inglês “*do*” ante do verbo principal “*to find*”.

Tendo em vista que o falante deixa marcas de sua intersubjetividade em seu discurso, faz-se essencial que modalização seja traduzida de modo a garantir o pareamento forma-função da construção. Entretanto, na tradução oficial do texto, houve o apagamento do modalizador epistêmico asseverativo. Desse modo, a fim de cumprir os propósitos discursivos do texto original, propomos a tradução: “[...] ***realmente acho suas crenças paternalista a respeito das mulheres encantadoras***”. Adiciona-se, portanto, o advérbio do português “*realmente*”, o qual desempenha a

função de modalizador epistêmico asseverativo na construção (Cunha Lacerda, 2012).

Quadro 32 - Representação da ocorrência 32 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(32)	I find it hard to believe anything really bad about myself when I consider how much he loves me. I do try to remind myself that men can be foolish about women.	Acho difícil de acreditar em alguma coisa ruim a meu respeito quando penso no quanto ele me ama. Tento me lembrar de que os homens podem ser tolos em relação às mulheres.

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda sobre Simon, em seu e-mail, Eileen expressa seus pensamentos acerca de como o parceiro a faz se sentir. Logo depois, diz à Alice: “***I do try to remind myself that men can be foolish about women***”, fazendo uso do modalizador epistêmico asseverativo do inglês em sua declaração e realçando, portanto, o fato de se lembrar que homens podem ser tolos em relação às mulheres.

Entretanto, no que tange à tradução para o português brasileiro, ocorre também o apagamento do verbo auxiliar como um modalizador, desconsiderando os aspectos funcionais que ele adiciona à mensagem. Portanto, a fim de garantir que tais atributos formais e funcionais constem no texto traduzido, sugerimos a seguinte alternativa: “***Tento mesmo me lembrar de que os homens podem ser tolos em relação às mulheres***”, adicionando o advérbio “*mesmo*”, previsto por Neves (2011) como um dos modalizadores asseverativos afirmativos do português, para resgatar a forma e a função do texto original.

4.3.2. Construções com *I did* [X]

Quadro 33 - Representação da ocorrência 33 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(33)	And I start thinking about really evil people, serial killers or whatever, and I feel like maybe that's me, maybe I'm one of these psychopaths you hear about. Because I did say it, I did tell her not to worry , and I was older than she was, so she probably thought I knew what I was talking about.	E começo a pensar em pessoas realmente malignas, assassinos em série e tal, e tenho a sensação de que talvez eu seja assim, talvez eu seja um daqueles psicopatas de que a gente ouve falar. Porque eu falei isso mesmo, eu falei pra ela não se preocupar , e eu era mais velho do que ela, então ela deve ter achado que eu sabia do que estava falando.

Fonte: Elaborado pela autora

Situada no mesmo contexto da ocorrência 7, a cena apresenta Alice e Felix conversando sobre as piores coisas que já fizeram na vida, e Felix compartilha com a personagem a pior delas, em sua opinião. O protagonista admite ter engravidado uma menina na época da escola quando jovem e, de maneira depreciativa, se compara a pessoas “*realmente malignas*” por não ter conscientizado a moça acerca do uso de preservativos na época. Ao fazer sua declaração, o locutor se compromete com seu ato da maneira mais subjetiva possível ao utilizar, não apenas uma vez, mas duas vezes seguidas, o verbo auxiliar “*did*” como um modalizador epistêmico asseverativo em “*I did say it*” e em “*I did tell her not to worry*”. Entretanto, na tradução do texto, é possível observar que a tradutora se preocupou em contemplar apenas um dos modalizadores no texto em português.

Em sua obra, Koch (1992) dedica uma seção aos operadores argumentativos – termo cunhado por Ducrot (1976) – no discurso, os quais funcionam a partir de duas noções: (i) classe argumentativa – um conjunto de enunciados com a função de servir de argumento ou de chegar a uma conclusão; (ii) escala argumentativa – quando os enunciados graduam com uma força crescente a fim de chegar a uma mesma

conclusão. Ao empregar o advérbio asseverativo “*mesmo*” (Neves, 2011), o locutor utiliza um dos operadores situado no mais alto grau da escala argumentativa. Esses operadores são aqueles que “assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão” (Koch, 1992, p. 31). Portanto, no caso da construção “*I did say it*”, a forma e a função do discurso original foram preconizadas no texto traduzido.

Já no caso da construção em seguida formulada pelo personagem, “*I did tell her not to worry*”, houve o apagamento do marcador discursivo epistêmico asseverativo. Portanto, como alternativa de tradução, e a fim de manter os aspectos formais e funcionais do enunciado original, sugerimos “*eu realmente falei pra ela não se preocupar*”, já que, como conclui Giesbrecht (2021, p. 26), em seu trabalho acerca das funções do advérbio, “*realmente* é frequentemente acionado em situações comunicativas em que o enunciador estabelece um valor de verdade em relação ao que foi dito”.

Quadro 34 - Representação da ocorrência 34 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(34)	I really want to believe I would never do that kind of thing again, for any reason. But I did do it, once , and I have to live with it for the rest of my life.	Eu queria mesmo acreditar que eu jamais fiz esse tipo de coisa, por qualquer razão. Mas fiz, numa época , e vou ter que conviver com isso pelo resto da vida.

Fonte: Elaborado pela autora

Neste excerto, o contexto comunicativo é o mesmo da ocorrência anterior, mas agora é Alice quem compartilha um fato ruim sobre si mesma com Felix. A fim de gerar uma identificação com o interlocutor, a personagem revela ter feito *bullying* com uma colega de classe na época da escola e admite ter sido cruel sem motivo algum. Em sua fala seguinte, Alice deseja acreditar que nunca mais faria algo do tipo novamente e assume ter feito, sim, essa prática uma vez. Em seguida, afirma que precisa conviver com esse fato para sempre. Ao afirmar isso, lança mão do verbo auxiliar “*did*” como

modalizador epistêmico asseverativo para se comprometer com sua fala e com seu ato passado.

Entretanto, na tradução, a modalização não é contemplada formalmente e funcionalmente. Além disso, vale ressaltar que a tradutora modifica a sentença anterior ao mudar a conjugação do verbo “*to do*” para o passado simples do inglês. A tradução apropriada, com a conjugação presente no original – “*I would never do that kind of thing again*” –, seria “*eu jamais **faria** esse tipo de coisa novamente [...]*”, enquanto a tradução oficial está “*eu jamais **fiz** esse tipo de coisa [...]*”, em que se percebe também o apagamento do advérbio *again* do inglês. Tendo em vista que o falante é essencialmente (inter)subjetivo em seu discurso linguístico, ao qual subjazem intenções, crenças e opiniões, essa alteração e omissão de informações linguísticas leva o interlocutor e o leitor da obra a não terem acesso às intenções comunicativas do enunciado original.

Como sugestão tradutória da construção “*But I **did** do it, once*”, propomos a seguinte alternativa: “*Mas eu fiz, **sim**, uma vez*”, a fim de contemplar a forma e função do modalizador do original e manter a intencionalidade que subjaz ao discurso. Percebe-se que também alteramos a escolha oficial de “*once*” para “*uma vez*”, pois avaliamos funcionalmente estar de acordo com o propósito locucionário da personagem.

Quadro 35 - Representação da ocorrência 35 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(35)	<p>I'd open the book and not know what to write – I wouldn't be able to think of anything at all.</p> <p>When I did make entries, they were increasingly verbal and abstract: song titles, or quotes from novels, or text messages from friends.</p>	<p>Às vezes dormia sem me lembrar de escrever qualquer coisa, mas havia outras noites em que eu abria o caderno e não sabia o que escrever — não conseguia pensar em absolutamente nada. Criava textos cada vez mais eloquentes e abstratos: títulos de canções, citações de romances ou mensagens de texto dos amigos.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

Neste fragmento, o contexto comunicativo é o mesmo da ocorrência 10, em que Eileen escreve um e-mail a Alice contando sobre um diário antigo de registros do seu dia-a-dia. Após relembrar o sentimento nostálgico de relatar acontecimentos bons, a personagem percebe que, no momento presente, não é capaz de redigir textos simples e significativos como antigamente. E, como ela afirma, ao tentar escrever algo, os textos se tornavam cada vez mais abstratos e eloquentes. Ao dizê-lo, a protagonista aciona o modalizador “*did*”, com a função epistêmica asseverativa em sua construção, para expressar seu engajamento discursivo, tomando como referência o conhecimento da realidade.

Entretanto, além do marcador discursivo, a construção em si em que o verbo auxiliar aparece – “*When I **did** make entries*” – é apagada no processo tradutório. De maneira impropriedade, há uma reformulação do enunciado original que compromete a forma e a função da construção solicitada pelo locutor da mensagem, na qual era pretendido expressar seu discurso interno. Como uma reparação do material traduzido original, sugerimos a tradução: “*E quando eu **de fato** escrevia*”, a fim de resgatar a forma e a função que foram ignoradas oficialmente.

Quadro 36 - Representação da ocorrência 36 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(36)	It's alright if you've gone off the idea, I know I was a bit of a prick about it. She looked back at him, her eyes moving over his face. I did feel foolish when I didn't hear from you, she said.	Tudo bem se você deixou de gostar dessa ideia, eu sei que fui babaca nesse assunto. Ela o analisou, o olhar percorrendo seu rosto. Me senti uma idiota quando você não me deu mais notícia, ela admitiu.

Fonte: Elaborado pela autora

Nesta ocorrência, que está situada no mesmo contexto comunicativo da ocorrência 11, Felix vai até a casa de Alice para vê-la após a viagem que fizeram juntos à Itália e se desculpa por não ter mandado mensagem durante uma semana desde a volta dos dois. Após se justificar para a moça, dizendo que se divertiu, Felix diz que está um pouco cansado e um pouco embriagado para ir embora dirigindo e pergunta se pode passar a noite ali. O rapaz questiona Alice se ela não gosta mais da ideia de dormirem juntos e, após analisar a fala de Felix, diz que se sentiu, com ênfase, uma idiota quando não recebeu notícias dele, como destacado no excerto.

No texto original, a locutora recorre à construção “*I **did feel** foolish*”, utilizando o verbo auxiliar do inglês no passado como um modalizador epistêmico asseverativo, para expressar seus sentimentos e ideais ao interlocutor da mensagem. Ao fazê-lo, imprime, em seu discurso, um dos articuladores discursivos-argumentativos elaborados por Koch e Elias (2016) – citados na ocorrência 5 – de correção/redefinição. Tal articulador se estabelece quando, por meio de um segundo enunciado, “se corrige, suspende ou redefine o conteúdo do primeiro, se atenua ou reforça o comprometimento com a verdade do que foi veiculado ou, ainda, se questiona a própria legitimidade de sua enunciação” (Koch; Elias 2016, p. 139). É possível fazer tal análise, pois, em falas anteriores, o homem diz “*Sorry I never texted you back during the week, he said*”, seguido da resposta de Alice: “*It's alright, don't worry about it*”. Dessa forma, a personagem, que, em um primeiro momento, se mostra indiferente com o fato de não receber notícias de seu parceiro, se mostra engajada

em seu segundo enunciado ao dizer “*I did feel like a foolish when I didn’t hear from you*” e redefinir o sentimento expresso na primeira construção.

No texto traduzido, entretanto, esse aspecto linguístico não foi representado por nenhuma forma do português, não contemplando os aspectos formais e funcionais da construção do original. Como uma alternativa tradutória, sugerimos “*Na verdade me senti uma idiota quando você não me deu mais notícia [...]*”, já que, devido ao caráter intersubjetivo e discursivo-argumentativo do discurso original, julgamos que a locução adverbial “na verdade” transmite o efeito de modalizador epistêmico asseverativo e de redefinição do discurso, baseando-se nas proposições de Koch e Elias (2016).

Quadro 37 - Representação da ocorrência 37 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(37)	Not everyone, he said. She’s come out for drinks with us a couple of times, that’s all. Almost inaudibly Eileen murmured: Jesus. For a time neither of them spoke again. Finally he said: I did tell you I’d been seeing someone.	Não a todo mundo, ele corrigiu. Ela saiu para beber com a gente algumas vezes, só isso. Eileen soltou um murmúrio quase inaudível: Caramba. Por um tempo, nenhum dos dois tornou a falar. Por fim, ele disse: Mas eu te contei que estava saindo com uma pessoa.

Fonte: Elaborado pela autora

A ocorrência 37 trata-se da interação comunicativa entre os personagens Simon e Eileen, os quais estavam em uma pequena festa na casa de amigos em comum. Após a mulher ir embora de maneira discreta, o amigo a alcança na rua a fim de terem uma conversa. Nesse momento, Eileen comenta sobre a namorada do amigo, Caroline, e questiona por que nunca a conheceu, já que aparentemente todos os outros amigos do rapaz já o haviam feito. O excerto acima apresenta o desenrolar da conversa, no qual Simon argumenta já ter contado à amiga que estava saindo com alguém.

Em sua fala, é possível destacar o caráter intersubjetivo de seu discurso, uma vez que o locutor busca defender seu ponto de vista e fazer com que a interlocutora não pareça tão surpresa com o fato de estar em um relacionamento. Para isso, lança mão da construção “*I did tell you I’d been seeing someone*”, utilizando o modalizador epistêmico asseverativo do inglês “*did*” em sua fala.

Para a tradução, baseando-se no conceito de articuladores discursivo-argumentativos de Koch e Elias (2016), julgamos apropriada a escolha tradutória “**Mas eu te contei que estava saindo com uma pessoa**”, uma vez que a função argumentativa e asseverativa do auxiliar em inglês foi preconizada com o emprego da conjunção adversativa “*mas*” no início da oração. Tal conclusão se deve à definição da relação discursivo-argumentativa de *contrajunção*, ou contraste de argumentos, a qual é estabelecida quando “se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a do enunciado introduzido por *mas* (o operador argumentativo por excelência)” (Koch; Elias, 2016, p. 136). Portanto, ao introduzir sua fala com esse operador argumentativo, é possível inferir que a intenção do falante é que essa construção seja acentuada e enfatizada, função correspondente ao do modalizador epistêmico asseverativo do inglês.

Quadro 38 - Representação da ocorrência 38 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(38)	I suppose it doesn't matter now. The stupid thing is that I really liked writing that essay, and I did want to write another one , and after I got that email I never did.	Acho que agora já não importa. A idiotice é que eu realmente curti escrever o ensaio, e queria mesmo escrever outro , e depois que recebi o e-mail nunca mais escrevi.

Fonte: Elaborado pela autora

No mesmo e-mail endereçado à Alice, Eileen lança mão de mais uma construção com um modalizador epistêmico asseverativo, mas agora no passado, utilizando o auxiliar “*did*”. No fragmento em questão, Eileen relembra de quando publicou um ensaio há alguns anos, por meio do qual chamou a atenção de uma

agente literária de Londres que perguntou à autora se estava escrevendo um livro. A protagonista conta que ficou um tanto estressada e ansiosa para responder o e-mail da agente e, passados alguns dias, não escreveu resposta alguma à possível proposta de publicar um livro.

No excerto acima consta o sentimento da personagem de querer escrever um outro ensaio. Na construção *“The stupid thing is that I really liked writing that essay, and I did want to write another one”*, percebe-se o engajamento do locutor em relação a seu conteúdo proposicional e seu caráter (inter)subjetivo ao utilizar dois modalizadores epistêmicos asseverativos — *“really”* e *“did”* —, sendo um deles o verbo auxiliar do inglês, objeto deste trabalho.

No texto traduzido, de maneira correspondente, a forma e a função presentes no discurso original foram consideradas por meio do advérbio *“mesmo”* do português: *“A idiotice é que eu realmente curti escrever o ensaio, e queria mesmo escrever outro”*, o qual é considerado por Neves (2011) como um modalizador epistêmico asseverativo.

Quadro 39 - Representação da ocorrência 39 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(39)	Felix: Ill be honest alice Felix: I m yipped out of my tree Felix: And I did haveto throw up Felix: But yea good night so far	Felix: Vou ser sincero alice Felix: Tô muito bêbado Felix: E tiveque vomitar Felix: Mas sim noite boa até agora

Fonte: Elaborado pela autora

No contexto dessa conversa, Felix, que está em uma festa, manda uma mensagem de texto à Alice, que está em casa trabalhando. Ao ser perguntado se estava se divertindo, o rapaz responde que está bêbado e que precisou vomitar, como visto no excerto acima. Quando o diz, lança mão da construção *“And I did have to throw up”*, utilizando o verbo auxiliar do inglês *“did”* como um modalizador epistêmico

asseverativo de seu discurso e evidenciando, portanto, seu comprometimento em relação ao seu enunciado.

É possível notar que os erros de digitação nas mensagens, os quais estão presentes no conteúdo original, foram representados no texto traduzido. Entretanto, no que diz respeito ao aspecto funcional do modalizador “*did*”, não houve nenhuma forma do português brasileiro que contemplasse a funcionalidade do modalizador presente no texto em inglês. Tendo isso em vista, e a fim de cumprir tais aspectos do original, sugerimos a seguinte tradução: “*E tive **mesmoque vomitar***”, adicionando um modalizador do português e mantendo o erro de digitação da mensagem.

Quadro 40 - Representação da ocorrência 40 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(40)	Eileen, I'm sorry if my last email alarmed you. I did cancel all my public engagements for several months, as you know , but I was always planning to go back to work eventually.	Eileen, desculpa se meu último e-mail te assustou. Realmente cancelei meus compromissos públicos por alguns meses, como você sabe , mas sempre foi meu plano voltar ao trabalho em algum momento.

Fonte: Elaborado pela autora

Introduzindo o e-mail do capítulo 22, o mesmo das ocorrências 19 e 20, Alice se desculpa por ter preocupado Eileen em sua última correspondência por estar em mais uma viagem a trabalho. Em seguida, diz que, de fato, havia cancelado seus compromissos públicos, mas que pretendia voltar a sua rotina profissional regular. Ao fazer essa declaração, emprega o modalizador epistêmico asseverativo do inglês “*did*” em sua construção: “***I did cancel all my public engagements for several months [...]***”. Dessa forma, percebe-se o alto grau de engajamento do locutor em relação ao seu conteúdo proposicional, não deixando espaço para dúvidas ou questionamentos sobre o fato asseverado epistemicamente.

De maneira correspondente, na tradução para o português brasileiro, a forma e a função que expressam as intenções comunicativas do texto original foram preconizados por meio do advérbio empregado no início da sentença: “**Realmente** **cancel***ei meus compromissos públicos por alguns meses [...]*”. Tal conclusão se deve à função que o “realmente” pode desempenhar no discurso: o de modalizador epistêmico asseverativo (Neves, 2011).

Quadro 41 - Representação da ocorrência 41 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(41)	And yes, I did fly out of Dublin , and back into Dublin again, at seven in the morning and one in the morning respectively.	E, sim, eu parti de Dublin e pousei em Dublin , às sete da manhã e à uma da madrugada, respectivamente

Fonte: Elaborado pela autora

No mesmo contexto e parágrafo da ocorrência anterior, Alice justifica os motivos pelos quais não foi possível visitar a amiga, já que, no e-mail anterior escrito por Eileen, ela aponta que, durante todas essas viagens, Alice embarca e desembarca no aeroporto de Dublin, onde ela mora. Como visto no excerto acima, a escritora explica que, apesar do fato de estar em Dublin, os horários não são propícios para uma visita a Eileen, pois a amiga trabalha em horário normal. Quando o diz, escreve a proposição “*And yes, I did fly out of Dublin [...]*”, na qual, além da resposta asseverativa à pergunta da amiga com “yes”, utiliza um outro modalizador epistêmico asseverativo do inglês, “*did*”, a fim de reforçar e enfatizar o conteúdo proposicional de seu discurso.

Entretanto, no que tange ao texto traduzido, a tradutora considera apenas a tradução da primeira asseveração “yes” e desconsidera a forma e a função do verbo auxiliar em inglês como um marcador discursivo intersubjetivo. Portanto, elaboramos a seguinte alternativa tradutória: “*E, sim, eu de fato parti de Dublin e pousei em Dublin*

[...]”, a fim de cumprir os objetivos comunicativos e as especificidades do polo formal e do polo funcional do enunciado original.

Quadro 42 - Representação da ocorrência 42 e de sua respectiva tradução para o português

	Texto original	Tradução para o português
(42)	I hope this is a side effect of lockdown and not simply a consequence of growing older. Speaking of which: happy belated. I did put a gift in the post on time , but have no idea when or whether it will arrive [...]	Tomara que seja um efeito colateral do lockdown e não mera consequência de estar envelhecendo. Falando nisso: feliz aniversário atrasado. Eu enviei um presente pelo correio a tempo , mas não faço ideia de quando e se ele vai chegar [...]

Fonte: Elaborado pela autora

No capítulo 29 da obra, Alice escreve seu último e-mail a Eileen durante o período de *lockdown*, tendo se passado dezoito meses desde que se viram pessoalmente. Após fazer uma breve menção sobre esse tempo que passaram sem se ver, deseja feliz aniversário à Eileen, dizendo que enviou um presente a ela pelos correios. Ao fazê-lo, busca modalizar seu discurso de maneira epistêmica asseverativa por meio de “*did*” na seguinte proposição: “***I did put a gift in the post on time [...]***”.

Na tradução para o português, nota-se a pouca preocupação em veicular a forma e a função atribuídas ao “*did*” contido no enunciado em inglês. Portanto, a fim de considerar as intenções comunicativas do discurso da personagem e de garantir o pareamento forma-função da construção original (Traugott; Trousdale, 2013), sugerimos a seguinte alternativa tradutória: “***Eu até enviei um presente pelo correio a tempo***”. A escolha de “*até*” deve-se a uma de suas possíveis funções dentro de um enunciado, a qual pode ser usada “para reforçar uma declaração com o sentido de ‘inclusive’, ‘também’, ‘mesmo’, ‘ainda’” (Bechara, 2019, p. 262).

4.4. Conclusões do capítulo

Este capítulo se propôs a analisar as escolhas tradutórias para o português brasileiro no que diz respeito às construções "I do [X]" e "I did [X]" na obra *Beautiful World, Where Are You* (2021), com enfoque na função dos verbos auxiliares como modalizadores epistêmicos asseverativos no discurso direto. Inicialmente, foi discutida a relevância do método misto de pesquisa para a condução desta análise, seguida por uma reflexão sobre as contribuições da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Linguística de *Corpus* para os Estudos da Tradução. Posteriormente, a ferramenta *AntConc* foi apresentada como um recurso fundamental para a extração e análise dos dados atestados no *corpus*.

A partir da análise dos excertos traduzidos, elaborada na seção 4.3, verificou-se que, predominantemente, na tradução para o português brasileiro, o pareamento forma-função, conforme proposto por Traugott e Trousdale (2013), não foi contemplado por nenhum modalizador epistêmico asseverativo disponível na língua portuguesa. Portanto, nos casos em que houve o apagamento dos verbos auxiliares, foram elaboradas alternativas tradutórias que considerassem os aspectos formais e funcionais do texto original. E, nos casos em que houve a manutenção dos verbos auxiliares, foram realizadas algumas considerações acerca das escolhas tradutórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar a tradução para o português brasileiro das construções *I do [X]* e *I did [X]* quando os verbos auxiliares do inglês são empregados no discurso direto dos personagens, da obra *Beautiful World, Where Are You* (2021), e atuam como modalizadores epistêmicos asseverativos. A análise foi desenvolvida a partir das noções de pareamento forma-função e de subjetividade e intersubjetividade do discurso. Nesse sentido, verificamos se a tradutora contemplou ou não os aspectos formais e funcionais presentes no original. Além disso, buscamos salientar a importância da consciência tradutória de que a unidade básica da língua é a construção e de suas contribuições para o âmbito da tradução.

De forma a cumprir os objetivos gerais e específicos deste trabalho, realizamos o levantamento de quarenta e três ocorrências em que os verbos auxiliares atuam como modalizadores epistêmicos asseverativos na obra original, buscando verificar se, em cada uma delas, a tradução das construções foi capaz de contemplar os aspectos formais e funcionais constadas no texto de partida, considerando o contexto discursivo dos personagens e suas intenções comunicativas.

Com base nas análises realizadas, verificamos que, dentre as 32 ocorrências com *I do [X]*, apenas 14 construções foram traduzidas de maneira satisfatória, isto é, contemplaram as especificidades formais e funcionais do texto original. Além disso, dentre as 11 ocorrências com *I did [X]*, verificamos que apenas quatro traduções contemplaram as intenções comunicativas do texto original. Constatamos também que, no que tange a todas as escolhas tradutórias, houve uma predileção pela utilização do advérbio *mesmo* como um correspondente formal e funcional dos modalizadores em inglês. À vista disso, atestamos que 25 ocorrências traduzidas não cumpriram o pareamento forma-função das construções originais, de modo que apresentamos uma sugestão alternativa de tradução ao final de cada análise, visando a compensar as lacunas deixadas pela tradução oficial da obra. A fim de melhor estruturar os dados obtidos, elaboramos a seguinte tabela:

Tabela 3 - Frequência das manutenções e dos apagamentos acerca das construções *I do [X]* e *I did [X]*

Construções	Categoria	Total de ocorrências	Porcentagem (%)
<i>I do [X]</i>	Manutenção	14	43,75%
	Apagamento	18	56,25%
<i>I did [X]</i>	Manutenção	4	36,36%
	Apagamento	7	63,63%
Total Geral	Manutenção	18	41,86%
	Apagamento	25	58,14%

Fonte: Elaborado pela autora

Portanto, é possível constatar que a hipótese formulada inicialmente de que as escolhas tradutórias, em sua maioria, não seriam capazes de captar integralmente os atributos discursivos e a subjetividade associados a esses verbos auxiliares do inglês, culminando no apagamento da modalização e da subjetividade constadas no discurso original dos personagens, foi validada.

Em decorrência das análises desenvolvidas e dos resultados obtidos, consideramos que este trabalho contribui de maneira substancial para a reflexão acerca da interlocução entre a Linguística Funcional Centrada no Uso e os Estudos da Tradução, destacando a importância de se considerarem as nuances formais e funcionais das construções linguísticas no processo tradutório. Ao evidenciar a necessidade de uma abordagem que valorize tanto os aspectos formais quanto os contextuais da língua, esta pesquisa reforça a relevância da conscientização do tradutor sobre a intersubjetividade presente no discurso e a influência dos elementos extralinguísticos na tradução literária. Além disso, as análises realizadas apontam para a importância da consideração do pareamento forma-função na tradução dos modalizadores epistêmicos asseverativos, oferecendo subsídios para futuras traduções dos modalizadores investigados e futuras pesquisas que busquem aprofundar a interface entre a abordagem construcional da língua e os Estudos da Tradução. Destacamos, entretanto, a limitação deste estudo e reconhecemos que há muito mais a ser desenvolvido e pesquisado acerca dessa interlocução.

REFERÊNCIAS

ADELINO, F. J. da S.; NASCIMENTO, E. P. do. A modalização epistêmica asseverativa na construção argumentativa de entrevistas de seleção de emprego. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 287-302, jan-abr. 2019.

BAKER, M. Corpus-based Translation Studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (org.) *Terminology, LSP and Translation: Studies in Language Engineering, in Honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 175-186.

_____. The role of corpora in investigating the linguistic behaviour of professional translators. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 4, n. 2, p. 281-298, 1999.

BARBOSA, L. da S. *Construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com real e real oficial: uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). *Usage-Based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BECHARA, E.. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Variação linguística, mudança linguística e construcionalização*. In: XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BYBEE, J. L. *Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency*. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (Eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. *Usage-based theory and grammaticalization* In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

_____. *Língua, Uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha; Revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CARTER, R.; MCCARTHY, M. *Cambridge Grammar of English: a Comprehensive Guide: Spoken and Written English, Grammar and Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CASTILHO, A.T.; CASTILHO, C. M. M de. *Advérbios Modalizadores*. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, p. 199-247.

COSTA, A. R. da. *IMPORTÂNCIA DOS MECANISMOS DE TEXTUALIZAÇÃO E ENUNCIATIVOS PARA A COERÊNCIA TEXTUAL*. Rios Eletrônica (FASETE), v. 07, p. 39-50, 2013

CROFT, W.. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. *A multifuncionalidade do advérbio realmente na língua portuguesa sob a perspectiva da gramaticalização de construções*. Revista Alfa, v. 56, 2012. p. 169-200.

_____. da. *O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101.

_____. *Gramática de construções – princípios básicos e contribuições*. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C.. (Org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017. p. 17-46.

_____.; MARTINS DALL'ORTO, L. F.. *Uso do software Antconc na análise de dados do uso*. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa. (Org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. 1ed.Porto Velho: EDUFRO, 2023, p. 121-136.

DIAS, D. L. F.. *Perspectivas Crítico-Teóricas Para a Formação do Romance Inglês: O Bildungsroman e as Tensões De Gênero, Raça e Classe*. REVISTA DE ESTUDOS DECOLONIAIS, v. 1, p. 1, 2021.

DUCROT, O. *Polifonia e argumentação: Conferencia del Seminario Teoria de la Argumentación y Analisis del Discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

EASTWOOD, J. *Oxford practice grammar. Intermediate*. Oxford, Eng.: Oxford University Press, 2006.

EVEN-ZOHAR, I.. *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem*. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, 2000.

FINEGAN, E.. *Subjectification in grammaticalization*. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 1-15.

FIORIN, J. L.. *A linguagem humana: do mito à ciência*. In: FIORIN, J. L. (org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R.. *Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013, p. 13-40.

GIESBRECHT, P. B.. *Contribuições da abordagem construcional para os Estudos da Tradução – o caso do advérbio ‘realmente’ e suas múltiplas funções na tradução para a língua francesa*. Trabalho de Conclusão de Curso. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructionist approaches*. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. USA: Oxford University Press, 2013.

_____. *A constructionist approach to language*. In: Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 2016.

GRAHAM, Sarah. *A history of the bildungsroman*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

HIMMELMANN, N. P. *Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal?* In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (Eds.). *What makes grammaticalization – a look from fringes and its components*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-44.

HUDSON, R. *Language networks: the new word grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KOCH, I. G. V.. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. *Cognição, discurso e interação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____.; ELIAS, V. M. da S.. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MAAS, W. P.. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MARTELOTTA, M. E.. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MELLO, G. *Estudos da Tradução e Análise do Discurso: diálogos possíveis*. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. XII, p. 45-55, 2009.
- NASCIMENTO, E. P.. *A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, João Pessoa. Anais. João Pessoa: Editora Idéia, 2009. p. 1369-1376.
- _____. *A modalização deôntica e suas peculiaridades semântico-discursivas* DOI:10.5007/1984-8412.2010v7n1p30. Fórum Linguístico, v. 7, n.1, p. 30-45, 2010.
- _____.; SILVA, J. M. *A Argumentação na Redação Comercial e Oficial: Estratégias Semântico Discursivas em Gênero Formulaicos*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- _____.; BESSA, C. M. B (Org.) *A argumentação nos gêneros científicos e acadêmicos: a construção de sentidos e o uso da palavra alheia*. 1ª. ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____. *Texto e Gramática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2005. p.165-218.

ROONEY, S. *Beautiful World, Where Are You*. Farrar, Straus and Giroux. 2021.

_____. *Belo Mundo, Onde Você Está*. Tradução de Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras. 2021.

SARDINHA, T. B.. *Linguística de Corpus: Histórico e problemática*. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo: 2000, v. 16, n. 2, p. 323-367.

_____. Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução. *Cadernos de Tradução* (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina: 2002, v. 9, n. 1, p. 15-60.

_____. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole, 2004. 129

_____. *Uso de corpora na formação de tradutores*. v. 29. DELTA. São Paulo, 2003.

TAGNIN, S. E.. *Os Corpora: instrumentos de autoajuda para o tradutor*. Cadernos de Tradução (UFSC), Florianópolis, v. 9, n. 2002/1, 2003, p. 191-213.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.